



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO E HOTELARIA**

MARA ILZA PASSOS DE OLIVEIRA

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE E SUA
RELAÇÃO COM O TURISMO ÉTNICO DA BAHIA**

SALVADOR

2011

MARA ILZA PASSOS DE OLIVEIRA

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE E SUA
RELAÇÃO COM O TURISMO ÉTNICO DA BAHIA**

**Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Turismo e Hotelaria,
Departamento de Ciências Humanas
da UNEB, como requisito parcial para
a obtenção do grau de Bacharel
Turismo e Hotelaria.**

**ORIENTADORA: PROF.^a VALDILENE
ASSIS**

SALVADOR

2011

MARA ILZA PASSOS DE OLIVEIRA

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE E SUA
RELAÇÃO COM O TURISMO ÉTNICO DA BAHIA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Turismo e Hotelaria, Departamento de Ciências Humanas da UNEB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel Turismo e Hotelaria, à banca examinadora.

Aprovada em 10 de fevereiro de 2011

Prof^a. Valdilene Assis

Mestre em Letras - Orientadora

Prof^a. Ana Paula Feitosa

Doutora em Artes Cênicas

Prof^a. Rosana Reis

Especialista em Administração Hoteleira

SALVADOR

2011

Dedico este trabalho a minha mãe, meu exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao grande Deus por ter me dado amor, saúde, força, persistência, sabedoria, e por todas as bênçãos para concretização desta etapa.

Agradeço à minha mãe, pela fé, dedicação e acima de tudo por confiar em minha capacidade para alcançar o sucesso. Ao meu pai pelo apoio e incentivo de que posso construir um futuro seguro e tranquilo.

Agradeço aos meus familiares, principalmente a minha irmã, minha sobrinha querida Ana Júlia e dinda Márcia que estiveram sempre torcendo pela conquista do meu sucesso.

Agradeço à minha amada tia e segunda mãe Eva, in memoriam, por seu amor, carinho, companheirismo e pela alegria de viver, neste momento entre os braços do pai.

Agradeço à professora e orientadora Valdilene Assis por despertar-me a vontade de enaltecer minhas raízes, valorizar a nossa cultura e por toda confiança na concretização desta monografia.

Agradeço a professora Ana Paula Feitosa pela atenção, carinho, apoio, paciência e principalmente pelo auxílio ao longo desta construção monográfica.

Agradeço aos meus queridos e verdadeiros amigos, que não são poucos, pelo amor, união e respeito. Principalmente a Sandro Maia, grande apoio nos muitos momentos difíceis.

Aos meus colegas da UNEB, principalmente as Alines, Thaís, Carlas, Adriana, Núbia, Elaine por terem compartilhado dos muitos momentos de felicidade, agradeço pela gratidão e reconhecimento dos valores.

À todos os professores, funcionários do Departamento de Ciências Humanas, em especial à Rafaela do colegiado do curso pela atenção, dedicação e contribuição no âmbito acadêmico.

Agradeço a Sra. Célia e toda sua família pela confiança e gratidão no acolhimento em sua residência na cidade de Cachoeira.

Agradeço ao historiador Luis Cláudio, a D. Dady e ao administrador Valmir Pereira da Irmandade da Boa Morte por me receberem com tamanha simpatia e riqueza de conhecimento, contribuindo na conquista deste grande objetivo.

E por fim, agradeço às pessoas que fizeram parte da minha vida acadêmica, desde os colegas da Faculdade Integrada da Bahia – FIB, aos meus colegas de estágio da Empresa de Turismo de Salvador – SALTUR, principalmente a Jorge Ribeiro pela dedicação, confiança e satisfação em contribuir para que pudesse alcançar esta vitória, aos meus queridos colegas do Fiesta Bahia Hotel, pela bagagem de conhecimentos e a todos da Privê Tur pela compreensão e paciência.

**“Nossa recompensa se encontra no esforço e não no resultado. Um esforço total é uma vitória completa.”
(Gandhi)**

“A voz interior me diz que siga combatendo contra o mundo inteiro, ainda que me encontre só. Diz-me que não tema a este mundo e que eu vá adiante levando em mim nada mais que o temor a Deus.” (Gandhi).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de Curso de Turismo tem como temática central a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte e sua relação com o Turismo étnico da Bahia, evento este, que ocorre no mês de agosto na cidade de Cachoeira, Município do estado da Bahia. Mostra as potencialidades desta prática secular, com o objetivo de enaltecer os valores culturais, identidade e etnia, em busca da preservação desta tradição, fortalecendo assim, a manifestação cultural local. Para tanto, o presente trabalho faz um breve estudo teórico sobre o turismo étnico; apresenta um panorama histórico das Irmandades e em especial da Irmandade da Boa Morte além de analisar o impacto do turismo étnico na cidade de Cachoeira.

Palavras-Chaves: Irmandade, Festa da Boa Morte, Turismo étnico, Tradição Histórica Cultural.

ABSTRACT

This conclusion of course work of Tourism has as central theme of the Feast of Our Lady of Good Death and its relation to the Ethnic Tourism in Bahia, an event that occurs in the month of August in the town of Cachoeira, Municipality of the State of Bahia. Shows the potential of this secular practice, with the aim of enhancing the cultural values, identity and ethnicity in the pursuit of preservation of this tradition, thus strengthening the local cultural event. To that end, this paper gives a brief theoretical study of ethnic tourism, presents a historical overview of the Brotherhoods and especially the Brotherhood of the Good Death besides analyzing the impact of ethnic tourism in the town of Cachoeira.

Key Words: Brotherhood, Festa da Boa Morte, Ethnic Tourism, Cultural Historical Tradition.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Gênero dos moradores.....	43
GRÁFICO 2 – Faixa etária da comunidade.....	44
GRÁFICO 3 – Benefício do turismo para a comunidade.....	44
GRÁFICO 4 – Ponto negativo do turismo na cidade.....	45
GRÁFICO 5 – Atratividade do turismo.....	45
GRÁFICO 6 – Participação da comunidade na festa.....	46
GRÁFICO 7 – Atuação do Poder Público Municipal.....	46
GRÁFICO 8 – Grau de satisfação da Irmandade.....	47
GRÁFICO 9 – Gênero dos turistas/visitantes.....	52
GRÁFICO 10 – Faixa etária dos turistas/visitantes.....	53
GRÁFICO 11 – Meios de transporte.....	53
GRÁFICO 12 – Benefícios do turismo para turistas/visitantes.....	54
GRÁFICO 13 – Significância do turismo étnico.....	54
GRÁFICO 14 – Atratividade da festa.....	55
GRÁFICO 15 – Caracterização da festa.....	55
GRÁFICO 16 – Representação do turismo étnico.....	56
GRÁFICO 17 – Mudanças ocorridas na festa.....	56
GRÁFICO 18 – Motivação das mudanças na festa.....	57
GRÁFICO 19 – Pontos negativos do turismo.....	57
GRÁFICO 20 – Itens faltosos para atrair mais turistas.....	58
GRÁFICO 21 – Atuação do Poder Público Municipal.....	58

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – Imagem de Nossa Senhora.....	74
FOTO 2 – Escultura.....	74
FOTO 3 – Missa de corpo presente.....	75
FOTO 4 – Celebração à Nossa Senhora.....	75
FOTO 5 – Procissão com a orquestra.....	76
FOTO 6 – Irmãs na Procissão.....	76
FOTO 7 – Casa Estrela.....	77
FOTO 8 – Comissão da festa.....	77
FOTO 9 – Irmandade da Boa Morte.....	78
FOTO 10 – Preparação das comidas.....	78
FOTO 11 – Grupo Filhos de Nagô.....	79
FOTO 12 – Samba na sede da Irmandade.....	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVOCET – Empresa Americana de Turismo e Entretenimento

BAHIATURSA – Empresa de Turismo da Bahia S/A

EMBRATUR - Empresa Brasileira de Turismo

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico Nacional

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MTUR – Ministério do Turismo no Brasil

OMT – Organização Mundial de Turismo

PRODETUR - Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste

SUSET - Superintendência de Serviços Turísticos do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 TURISMO ÉTNICO: CONCEITOS E FUNDAMENTOS.....	17
3 SURGIMENTO DAS IRMANDADES: ABORDAGEM SOBRE A FESTA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE.....	26
4 O TURISMO ÉTNICO NA CIDADE DE CACHOEIRA.....	37
5 CONCLUSÃO.....	59
REFERENCIAS.....	61
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO A COMUNIDADE.....	65
APÊNDICE B – QUESTIONARIO APLICADO A IRMANDADE DA BOA MORTE.....	66
APÊNDICE C – ENTREVISTA APLICADA AO HISTORIADOR LUIS CLÁUDIO NASCIMENTO NA CIDADE DE CACHOEIRA.....	67
APÊNDICE D – ENTREVISTA APLICADA AO ADMINISTRADOR DA IRMANDADE DA BOA MORTE VALMIR PEREIRA.....	68
APÊNDICE E – ENTREVISTA APLICADA AO FUNCIONÁRIO DA BAHIA TURSA ANTÔNIO MORAES.....	69
APÊNDICE F – FOTOS.....	70
APÊNDICE G – CARTA DE HOMOLOGAÇÃO PARA A BANCA.....	76
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

As irmandades são associações corporativas compostas por adeptos de classe, etnia e status social, como exemplo, a irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, que se mantém no Recôncavo Baiano na cidade de Cachoeira e contribui significativamente para a preservação dos elementos da memória afro-brasileira, devoção, culto a Nossa Senhora e manutenção das práticas culturais de matriz africana.

O propósito deste trabalho é avaliar a importância da festa de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira e o turismo étnico na Bahia. O turismo étnico relaciona-se com os festejos da Boa Morte por apresentar características singulares, como símbolo de resistência, autenticidade, contato com outros povos e identidade de grupos étnicos brasileiros. Com isso, atrai um público segmentado em busca de suas raízes culturais, a fim de vivenciar, participar e rememorar a cultura africana.

A escolha do referido tema deve-se ao fato da Festa da Boa Morte, ser uma expressiva manifestação religiosa e cultural brasileira, incorporada como fruto do sincretismo religioso afro brasileiro, composta por mulheres negras que contribuem desde os princípios do século XIX para a manutenção de elementos da memória afro-brasileira, além de ser um respeitável instrumento de preservação da cultura, e, raízes afro-descendentes no Recôncavo Baiano. Esta pesquisa também vem subsidiar e apoiar as discussões relativas à implementação da Lei nº 10639/2003 sancionada pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Essa lei torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, contemplando o estudo da História da África e dos Africanos.

A Festa da Boa Morte caracteriza-se como fator étnico relevante na formação histórica do Brasil, conseqüentemente no Recôncavo Baiano. Reis e Silva (1989, apud Mota, 2007 p.34) afirmam que “a formidável densidade da população africana na Bahia favoreceu a representatividade cultural, identidades étnicas e disposição à luta, aliado a isso, a construção e constante recriação da identidade étnica que permaneceu no centro dessa dinâmica africana”.

Por ser um importante componente das manifestações culturais do Recôncavo, a celebração da festa pode ser agregada ao conjunto de atrativos da cidade, exercendo um grande poder de atração para a demanda turística

interessada em cultura, que certamente, ampliará o desenvolvimento social, cultural e econômico de Cachoeira.

Cachoeira é uma das cidades brasileiras que mais preservou a sua identidade cultural, por isso, há 37 anos, foi convertida em Monumento Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Acrescentado a isso, a forte presença de africanos, afro-descendentes, e, europeus durante o período da escravidão, caracteriza um dos fatores que muito contribuiu para a riqueza e diversidade cultural no Brasil, principalmente no Recôncavo, que possui presença significativa do sincretismo religioso e da cultura afro-brasileira.

Autores como Viana e Pierson, estudiosos do movimento negro no Brasil, enfatizam a importância e a presença do negro escravo na Bahia. “Em 1585, na população da Bahia havia pelo menos três ou quatro mil negros. Quase todos os negros foram introduzidos como escravos” (PIERSON, 1971). A economia baiana estava envolta com a força e a mão-de-obra escrava. Em algumas regiões a intensidade da presença do negro tornou-se notória, assim como aconteceu no Recôncavo, que foi onde se concentrou a grande massa de escravos. “[...] Pelas plantações de fumo e de cana, alegrando-as com as suas cantigas e fecundando-as com seu suor, espalharam-se os negros” (VIANA, 1988).

A idéia do turismo étnico surge relacionada a dois tipos de sentimentos, à inserção dos laços de identidade entre os indivíduos ou grupos de pessoas e o reconhecimento de uma etnia. O primeiro associado ao aparato social e cultural de uma localidade como marco de identidade e diferenciação, e o segundo a idéia de divulgação da existência de uma etnia ou grupo em particular, com foco no seu reconhecimento ou inserção num contexto nacional ou internacional.

Segundo Queiroz (2007, apud ANSARAH; PANOSSO NETTO, 2009, p. 135), proveniente de um turismo étnico surge o segmento de raízes culturais que compreende o fluxo constante e regular de turistas afro americanos com evidência no estado da Bahia, principalmente no Recôncavo Baiano.

A cidade de Cachoeira, por estar ligada às identidades culturais, é marcante pela presença deste tipo de turismo. O contato entre a comunidade e os visitantes é bem próximo possibilitando a participação nas atividades tradicionais, estilos de vida e seus costumes.

Reconhecida atualmente como um celeiro cultural dentro do estado da Bahia, Cachoeira apresenta dentre os seus monumentos históricos e manifestações

culturais, o samba de roda, e a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, ambos reconhecidos como Patrimônio Imaterial da Bahia.

Cachoeira é um lugar propício às visitas de estudiosos e turistas porque possui um acervo arquitetônico de valor inestimável, o seu passado está farto de fatos históricos de grande relevo [...] e o seu folclore é um dos mais ricos do Recôncavo Baiano. (BRANDÃO; FONSECA, [19-], p.2)

Por se tratar de uma cultura imaterial, a festa da Boa Morte, objeto de estudo de escritores e pensadores, foi incluída no Livro de Registro Especial de Eventos e Celebrações. Salvaguardada à manifestação cultural afro católica passa a ter a proteção e o incentivo do Estado e da sociedade civil. O IPAC realizou estudos técnicos, elaborou um dossiê, sugeriu a realização de ações de preservação, elaboração do projeto de um memorial da Boa Morte e estudos para criação de atividades que gerem renda para as mulheres envolvidas nesta tradição.

Neste contexto, o estudo contribuirá para a valorização da sociedade, enaltecendo suas raízes e seus costumes, buscando o reconhecimento da cultura local. Esta investigação é relevante para o meio acadêmico, a fim de observar se esta tradição cultural está sendo valorizada e mantida em meio às transformações culturais e se o turismo étnico tem contribuído positivamente para o desenvolvimento da localidade citada. Além de colaborar no meio acadêmico na formatação de pensamentos antropológicos, sociológicos, filosóficos, para o turismo e outras áreas afins. Este tema possui aspectos inovadores, pelo seu ineditismo quanto à relação do Turismo étnico e a festa de Nossa Senhora da Boa Morte.

O objetivo geral desta monografia é avaliar a importância da festa da Boa Morte e o turismo étnico na Bahia. Os objetivos específicos são identificar e analisar a relação do turismo étnico com a festa da Boa Morte, entender como o turismo étnico se insere no contexto desta festa e levantar informações sobre esta celebração.

Para elaboração desta pesquisa, foi utilizado o método exploratório, e abordagem qualitativa, envolvendo levantamento bibliográfico, que garantiu profundidade e qualidade no estudo, fornecendo orientações necessárias ao desenvolvimento do trabalho e aplicação de questionários com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema a ser pesquisado.

A metodologia possibilitou ainda o conhecimento aprofundado da Festa da Boa Morte, conhecimento este através da amostragem, do tipo de relação que o turismo étnico tem com a festa.

Foi utilizado o método quantitativo, realizando levantamento de dados através de técnicas de pesquisa com entrevistas com membros da irmandade, o historiador Luis Cláudio e o funcionário da Bahiatursa Antônio Moraes, além de aplicação de questionários com a comunidade, os turistas/visitantes, produção de material fotográfico, além da observação direta livre desta celebração durante e após o período da festa. Com os dados coletados foram realizadas tabulações, produção de gráficos para, desta forma, analisar os resultados da pesquisa e obter pontos que coadunem ou venham divergir do embasamento teórico, contribuindo para a construção e conclusão do trabalho.

No primeiro capítulo foram desenvolvidas definições para esclarecer e sustentar o tema, como turismo e turismo étnico, o entendimento a respeito de etnicidade, troca de culturas, modos de vida e patrimônio cultural, atendendo os objetivos do estudo.

O segundo capítulo aborda o surgimento das irmandades, com bases teóricas sobre as tradições africanas, o sincretismo, os rituais da Boa Morte, e a importância da referida festa.

O terceiro capítulo foi elaborado de acordo com conceitos sobre o turismo étnico, e sua relação com a festa da Boa Morte e apoio governamental do Órgão de Turismo da Bahia – Bahiatursa, e ainda breves considerações sobre o acontecimento desta festa, sua importância para o turismo cachoeirano e os dados da pesquisa de campo adquiridos através das entrevistas.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram tomados como referencial teórico os autores Bahl, Castro, Ferreira, Finley, Nascimento, Queiroz, entre outros.

2 TURISMO ÉTNICO: CONCEITOS E FUNDAMENTOS

O turismo é uma atividade humana que se desenvolve a partir do contato entre os diversos povos e culturas. Possui forte vocação para as atividades sociais, culturais e econômicas. Entre os muitos conceitos de turismo, pode-se destacar a definição dada por Moesch (2002, apud CASTRO, 2006, p 128):

[...] combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integra-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.

Segundo Silva e Carvalho (2010), o turismo caracteriza-se como um importante instrumento de dinamização socioeconômica, apresentando um viés predominantemente cultural. Seus elementos constitutivos estabelecem a junção de diversos segmentos como o contato com a comunidade e a vivência das experiências de um lugar compartilhando de seus elementos e significados culturais. A depender de como os agentes públicos e privados se apropriam do aparato cultural como recurso turístico, este pode ser denominado como turismo cultural.

O termo turismo é associado à viagem, mas precisamente, aos deslocamentos humanos de uma localidade (cidade, região ou país). As viagens caracterizam-se como componente concreto de manifestação do turismo.

Esta atividade profissional compreende diversos setores da economia, e exige mão de obra capacitada para criar e gerenciar os serviços necessários para sua execução, em escala nacional e internacional. Em outros termos, define-se turismo como uma “atividade que envolve o deslocamento temporário de pessoas para outra região, país ou continente, visando à satisfação de necessidade outras que não o exercício de uma função remunerada” (SENAC, 2006 p.10).

Esses deslocamentos envolvem a movimentação de recursos financeiros e de negócios, podendo-se definir a atividade turística como a “soma de operações de natureza econômica que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e fora do país, cidade e região” (ABDELNAHAB, 1988 apud SENAC, 2006, p. 10).

Alguns fatores geram os deslocamentos turísticos: as motivações ou objetos da viagem (recreativos ou de lazer; cultural, de saúde, religioso, esportivo, de

eventos), a procedência dos viajantes (turismo nacional ou internacional), o volume da demanda (turismo de massa, turismo de minorias), as formas de organização das programações turísticas (individual, organizadas, social) e faixa etária dos viajantes (infanto-juvenil, adulto, para terceira idade ou misto).

A sociabilidade, a motivação em conhecer “o outro”, caracteriza o ambiente visitado como Patrimônio cultural, devido a sua significância e seu aspecto potencializador. Assim o turismo começa a se estabelecer, segmentado como turismo cultural e para Queiroz (2009, p.3) é “um meio de proporcionar o encontro de culturas e de estabelecer relações com valores adquiridos, isto se reflete na busca do turista pelos costumes, vivências e tradições de determinadas localidades”.

Configurado como uma atividade marcadamente cultural, o turismo é estimulado pelo desejo dos grupos sociais em vivenciar experiências diferenciadoras de seu cotidiano, pelo interesse em manter contato com outros povos, culturas, monumentos artísticos e sítios arqueológicos, podendo ser qualificado como itinerante, por atrair visitantes em épocas festivas com curta duração na localidade.

Para que o turismo possa existir, é preciso que se tenha planejamento e profissionalismo, não basta apenas promover a localidade com elementos publicitários, muito mais que isso, o conjunto que integra a atividade turística deve conter-se de elementos como a segurança, qualidade em serviços, comunicação, limpeza, transportes.

Se for bem planejado, o turismo pode gerar resultados positivos que favorecerão o desenvolvimento da localidade estabelecendo trocas culturais.

Segundo Moesch (2000 apud CASTRO, 2006, p. 19), o turismo pode ser visto como prática socioeconômico-cultural aliada a fatores como hereditariedade. Surge assim um turismo fundamentado no processo de identidade, etnia e cultura.

O turismo étnico surge relacionado à inserção dos laços de identidade entre os indivíduos, ao aparato social e cultural de uma localidade como seu marco de identidade e diferenciação, e o segundo, a idéia de divulgação da existência de uma etnia ou grupo em particular, visando o seu reconhecimento ou inserção num contexto nacional ou internacional. Aborda aspectos políticos e religiosos e, torna-se uma oportunidade para reforçar uma identidade e, ao mesmo tempo para divulgar a existência de outras, como no caso dos indígenas ou comunidades de vinculação histórica.

A essência das atividades do turismo étnico possibilita a interação com o outro, e identificam-se como zonas de contato e de oportunidade para aproximação entre as pessoas, propiciando vivências que permitem relações interculturais, multiculturais e transculturais de forma pacífica.

Deste modo, o turismo étnico pode ser representado como uma opção para a inserção, comercialização de produtos, negócios e geração de mão de obra especializada. Esta tipologia do turismo admite a interação, participação em atividades adicionais e adequação de outros povos advindos de outras nacionalidades a fim de conhecer expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares.

O turismo étnico constitui-se de atividades turísticas envolvendo a **vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos**. O turista busca, no caso, estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Muitas vezes, tais atividades podem articular-se como uma busca pelas próprias origens do turista, em um retorno as tradições dos seus antepassados. Esse tipo de turismo envolve as comunidades representativas dos processos migratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores de seu modo de vida, saberes e fazeres. (BRASIL, 2006, apud ANSARAH E NETTO, 2009, p.124, grifo do autor).

Grunewald (2003, apud ANSARAH E NETTO, 2009, p. 123) menciona que:

Etnicidade são fenômenos sociais que refletem as tendências positivas de identificação e inclusão de certos indivíduos em um grupo étnico. A distintividade dessa identidade, para caracterizar um grupo étnico deve se remeter a noções de origem, história, cultura e, até raças comuns.

Walle e Constatinuos (1989 apud ANSARAH E NETTO, 2009, p. 137- 40) fazem referência ao turismo étnico baseando-se em visitas ao país de origem dos imigrantes, ponderando que muitos clientes querem simplesmente visitar parentes ou “voltar às origens”. Consideram que este tipo de mercado constitui um grande filão para o turismo, que pode satisfazer o desejo de clientes que pretendem conhecer os países e costumes das localidades onde habitavam seus antepassados.

Além dos legados étnicos dos imigrantes, surge um novo e promissor campo de investigação e derivação do turismo étnico denominado como turismo de raízes, identificado no fluxo constante e regular de turistas afro americanos com maior

evidência no estado da Bahia, principalmente no Recôncavo Baiano na cidade de Cachoeira. Este enfoque tem como objetivo encontrar raízes africanas e estabelecer conexão com povos afros descendentes (QUEIROZ, 2007, apud ANSARAH; PANOSSO NETTO, 2009, p 135).

A visitação a outros pólos apresenta-se como símbolo de troca, abrangendo costumes, crenças, hábitos e valores. Para Gilroy (2001, apud QUEIROZ, 2008, p. 17-18) o turismo de raízes na Bahia é “considerado um importante centro de atração e trocas culturais do Atlântico Negro – um sistema de comunicações globais constituindo fluxos que transportam imagens, idéias e símbolos negros pelo Atlântico”.

Arantes (2008, apud QUEIROZ, 2008, p. 56) afirma que, as referências culturais podem ser entendidas como “sentidos atribuídos a objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção da identidade social, formando as raízes da cultura”. Estas raízes africanas abrangem as relações negras transnacionais, dando surgimento à denominação de Atlântico negro, também conhecida como diáspora, estabelecendo uma rede dinâmica com possibilidades de ligação, interação e comunicação.

A noção de Atlântico Negro representa uma nova maneira de pensar a diáspora africana em sua relação com o pensamento, a economia e a cultura ocidental. O conceito de diáspora, por outro lado, permite que se possa ir além da geografia e da genealogia, da natureza e da cultura, porque rejeita a crença em nacionalidades e racialidades que seriam geradas espontaneamente, oferecendo-se como uma alternativa à noção metafísica de uma “raça” que determinaria uma suposta cultura inscrita no corpo e na cor. “Sob a idéia chave da diáspora, poderemos ver não a “raça” e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem” (GILROY, 2001, apud QUEIROZ, 2009, p. 24 -25).

De acordo com Finley (2005 apud QUEIROZ, 2008, p. 57), esse turismo é praticado, na maioria das vezes, por afro-americanos com a necessidade de encontrar e validar uma herança cultural vista como autêntica e trazida da África, como em Salvador na Bahia.

De acordo com a Superintendência de Serviços Turísticos do Estado da Bahia – SUSET (2009), Salvador é uma cidade com mais de 80% da sua população

composta por afro descendente, e que apresenta uma cultura diversificada provenientes dos povos africanos.

O Brasil importa objetos negros e produtos culturais modernos e exporta objetos negros e produtos culturais com uma aura de tradição, "africanismo" (tal como as várias apresentações de mulatas que fazem turnês pelo exterior). Os objetos negros, ligados ao corpo, aos costumes e ao comportamento, ao serem exportados se tornam étnicos por meio do deslocamento.

Gilroy (1993 apud QUEIROZ, 2009) argumenta que,

De fato as culturas negras sempre foram o resultado da manipulação cultural e da mercantilização, visto que a cultura negra moderna não é a expressão contemporânea de uma tradição antiga, é algo transformador a todo o momento, são formas criadas e reinventadas, conforme o consumo e sua procura.

O turismo étnico ou turismo de raízes tem a Bahia, principalmente Salvador e Cachoeira, como forte vocação por compor-se de uma população majoritariamente negra. Seus aspectos identitários incorporam elementos histórico-culturais que se complementam com as suas singularidades, crenças e costumes que atraem visitantes de muitas nacionalidades. Fatores como etnicidade, resistência e sincretismo caracterizam o turismo da Bahia como forte poder de atratividade deste segmento turístico. Diante destes fatos o indivíduo busca determinada localidade a fim de reavivar sua memória no sentido de pertencimento e pela curiosidade de encontrar o seu "outro".

É importante ressaltar que enquanto os negros estadunidenses lutavam basicamente pelo reconhecimento em serem considerados americanos, na Bahia, os interesses dos africanos era a afirmação de ancestralidade, reconhecer as suas raízes, afirmar a força das tradições trazidas da África pelos antepassados, com o intuito de fortalecer a raça, a autoestima, os direitos elementares e as políticas de reparação.

Diante de tantas possibilidades de se trabalhar com o turismo étnico, há que se levar em consideração que as localidades devem estar preparadas para atender esta demanda. Primeiramente, desenvolver um trabalho de autoconscientização para a comunidade com propostas e ações que venham a enaltecer os valores, tradições e costumes.

A Organização Mundial de Turismo – OMT (2003, apud SILVA; CARVALHO, 2010, p. 8) conceitua o turismo étnico “como segmento voltado para as tradições e estilo de vida de um grupo e utilizado, principalmente, para destacar o turismo nas comunidades ou enclaves específicos, em processo de desenvolvimento”. Considera-se que a vivência dos turistas com os elementos do patrimônio cultural pode contribuir para o fortalecimento das identidades e para revalorização da memória e da cultura local. O resgate, a memória, a perpetuação das origens e a singularidade dos povos, são algumas das características do turismo étnico.

Intitulado como “Turismo de Raízes africanas ou étnico (Afro)”, pela Secretaria de Turismo do Estado da Bahia - SETUR e em nível federal o Ministério do Turismo no Brasil – MTUR; e mediante o envolvimento de agentes sociais com desejos distintos, nota-se que cada qual defende o seu ponto de vista e de interesse. Com esse aporte governamental, o turismo institucional se apropria das territorialidades e acaba desmistificando o ambiente como um “não lugar”.

Muito embora a atuação desses órgãos reforce a possibilidade da refuncionalização do Recôncavo Baiano pela via do turismo como fator do desenvolvimento local, abordando os fatores motivacionais de deslocamento, a história e as manifestações socioculturais, de acordo com Canclini (2003, apud CASTRO, 2006 p. 132), é preciso também atentar para a modernidade:

(...) os modernizadores precisam persuadir seus destinatários de que, ao mesmo tempo em que renovam a sociedade – prolongam tradições compartilhadas. Posto que pretendam abarcar todos os setores, os projetos modernos se apropriam dos bens históricos e das tradições populares.

Segundo Queiroz (2009), o que mais desperta atenção nesta rede que se constitui em torno desse turismo especial, são os considerados étnicos (Afro) baianos, que na sua maioria estão excluídos do processo de planejamento deste turismo.

Segundo Canclini (2003, CASTRO, 2006, p. 132) desde a década de 70 os afros descendentes compõem esta “turistização¹”. O mito baiano está assentado num tripé: antiguidade histórica, originalidade cultural e beleza natural urbana. Esses

¹ Segundo Benevides (2002, apud CASTRO, 2006, p. 132) entende-se o termo turistização no campo conceitual, “o modo pelo qual as potencialidades se circunscrevem a um processo de planejamento que objetiva convertê-las, material ou simbolicamente, em recursos e produtos predominantemente destinados ao consumo turístico”.

elementos evoluíram dos tempos coloniais aos dias de hoje. Esta turistização resulta de uma série de práticas e ações que se embasem em dois alicerces: a relevância memorial e histórica da confraria e as intervenções oferecidas pelos órgãos governamentais, artistas e comunidade a partir do ano de 1970.

Pinto (2001, apud CASTRO, 2006 p. 136) aponta a causa étnica como uma construção identitária recente, desenvolvida em grande parte por uma sub elite regional ligada às artes e as letras, em função de uma matriz simbólica “popular” local. Para ele esse substrato identitário tornou-se um terreno bastante fértil para o cultivo de uma imagem turística ligada, principalmente, a um passado “africano” e ao moderno carnaval elétrico.

Vale ressaltar a notícia veiculada pela Revista Época na edição de 8 de março de 2004, sobre a empresa americana de turismo e entretenimento – AVOCET (2004, apud CASTRO, 2006, p. 137):

Desde março de 2004 que representantes do cluster desembarcaram em Nova York a fim de firmar parcerias com empresas americanas que contribuam para que Salvador se torne um importante destino do turismo étnico veiculada nos Estados Unidos vendendo a Bahia. Pelos cálculos da companhia 60% dos americanos visitam o estado brasileiro são negros. Esse mercado, que movimentava milhões de dólares, representa 17% de todas as viagens de férias dos Estados Unidos. Um dos destinos prediletos dos afros americanos é a festa da Boa Morte.

Nesse contexto, percebe-se que as operadoras estadunidenses se beneficiam da territorialidade com a comercialização dos seus pacotes de viagens e o Estado como idealizador deste segmento. Os afros descendentes e afros americanos ao contemplarem as ações afirmativas, valorizam a herança cultural possibilitando o desenvolvimento deste nicho de mercado.

É preciso estar atentos quanto à efetivação do turismo étnico, para evitar a perda da identidade cultural, por ser considerado o principal atrativo deste segmento, motivo de visitação ou de referencial caracterizador de uma localidade.

Independente da atuação do turismo, alguns fatores vem interferindo nesta perda. Magalhães (1984, apud ANSARAH; NETTO, 2009, p. 132) aponta como um dos fatores responsáveis a integração universal por meio do avanço tecnológico, como por exemplo, a tecnologia do produto e tecnologia da comunicação audiovisual. Ambos desenvolvem-se por fatores como o uso de modernos recursos e produção massificada, possibilitando a conversão em dependência econômica.

Bahl (2004, apud ANSARAH E NETTO, 2009, p. 132) analisa que para evitar a perda da identidade cultural é necessário à inserção de políticas de incentivo, estímulo, inclusão da comunidade e promoção da cultura de uma localidade, assim como o estabelecimento de uma política para a promoção e coordenação do turismo e da cultura.

Diante disso, surgem as políticas públicas que geram benefícios para o turismo étnico baseada no resgate da cultura de uma localidade, no incentivo à conservação, manutenção e restauração da arquitetura, a revalorização da gastronomia, do folclore e das tradições, ressurgimento das atividades locais, fomento do desenvolvimento de programas educativos, participação da comunidade nas discussões, decisões nos resultados econômicos, e a criação de normas de uso do patrimônio urbano e cultural. É importante apoiar-se nas ações afirmativas para garantir a perpetuidade e o reconhecimento dos valores. Deve-se exigir a participação do governo nas políticas públicas a fim de contemplar a inserção da população no âmbito sustentável.

Dentro desta perspectiva, o Governo da Bahia realizou entre os dias 11 e 13 de agosto de 2010, o I Seminário Nacional de Turismo Étnico Afro da Bahia no Centro de Convenções da Bahia, em Salvador, possibilitando a explanação sobre os diversos segmentos que compõe o turismo étnico, e que resultou na composição de uma carta que expressa à contribuição da consolidação e o fortalecimento do Turismo Étnico Afro no Brasil sob a reflexão dos participantes.

Nesse contexto, é visto que se reconhece o turismo e sua importância econômica, a parceria dos órgãos públicos e privados nas zonas turísticas com o fomento do turismo e seus benefícios, mas, registra-se também a ausência de estudos, pesquisa e registros qualitativos sobre os impactos sócios econômicos do turismo. Foram indicadas ações de capacitação e pesquisa, que envolva a atuação dos membros dos terreiros, parcerias com escolas de idiomas, qualificação dos gestores municipais e profissionais da cadeia produtiva a fim de desenvolver o turismo de forma associativa; orientar os guias de turismo para lidar com as religiões de matrizes africanas estabelecendo o respeito às tradições; preparar o destino receptor com ações efetivas quanto ao turismo, como sinalizações turísticas, postos de informações, entre outros. E ainda, a realização de oficinas de roteirização com estabelecimento de novos roteiros na cidade e em outros destinos; elaborar pesquisas de demanda turística com o intuito de conhecer o perfil do turista étnico

afro; implantação dos monitores de turismo nas festas populares de Salvador e cidades do estado da Bahia, entre outros.

Várias estratégias foram sugeridas, com o objetivo de elencar as atribuições do turismo étnico a fim de atender as demandas envolvidas neste segmento, como a população local, os blocos afros, as religiões de matrizes africanas e os costumes e tradições, incluindo promoção e divulgação por todo o Brasil e nos Estados Unidos.

Vale ressaltar que diferentemente da fantasia que o turismo impõe, o turismo étnico complementa o que já está edificado, não apenas mantendo fachadas, mas edificações, que demonstram a importância que elas tiveram e o significado que ainda mantêm. Mesmo não possuindo campo específico de atratividade turística, mesclando ações, sejam elas sociais, culturais, esportivas, espaciais ou de lazer, prevalece o envolvimento das diversas instâncias.

3 SURGIMENTO DAS IRMANDADES: ABORDAGEM SOBRE A FESTA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE EM CACHOEIRA

A Festa em louvor a Nossa Senhora da Boa Morte é uma celebração característica da religiosidade popular com cultos católicos e manifestações de matriz africana que acontece entre os dias 13 a 17 do mês de agosto, todos os anos na cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano.

O termo Boa Morte representa para o cristianismo o vínculo a morte e elevação de Maria, por seu filho Jesus Cristo, para compartilharem junto ao criador a vida eterna. Para os cristãos, como aponta Costa (2002 apud CÔRREA, 2004, p.12)

A crença de que Maria ao falecer teve o seu corpo preservado de decomposição da matéria condição natural de todo ser humano – foi completamente aceita desde o fim do século II no Oriente, estendendo-se nos séculos seguintes para o Ocidente.

O culto a Nossa Senhora da Boa Morte era celebrado em Antioquia no século IV, e na Palestina no século V, passando ao império Bizantino no século VII. Segundo Costa (op.cit. p.13) nos textos apócrifos considerados como não oficiais pela igreja Católica Apostólica Romana, a morte de Maria ocorreu em Jerusalém, três anos antes de Cristo, e somente a partir do século VI é que a revelação desta fé popular foi adotada, por S. Gregório de Tourse posteriormente no século XIII, por São Alberto Magno, S. Tomaz Aquino e São Boaventura.

A data de quinze de agosto foi determinada pelo Imperador Maurício, no Oriente, para celebrar o culto da Virgem que subiu ao céu. A importância deste culto no Ocidente, durante longo tempo, marcou o dia da festa nacional da França e foi o Rei Luis XIII (1661 – 1643), quem consagrou aquele país a Nossa Senhora. Sua devoção a Maria fez com que a principal catedral da cidade de Paris, fosse denominada de *Notre Dame* (Op.cit.,p.13).

De acordo com Strada (1998 apud MARQUES, 2002, p. 3), a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, intitulada como a festa do “adormecimento” começa a ser celebrada no século VI em Jerusalém e no século VIII é que o termo apareceria no sacramentário do papa Adriano com o nome de Assumptio, Assunção, quando então foi estendido a todo o ocidente.

O aparecimento das irmandades teve início na Europa, e estas floresceram nos séculos XII e XIII, vinculadas aos hospitais e com cunho assistencialista, devido

ao seu caráter de atuação, associadas à imagem de uma família artificial (BORGES, 1988 apud CORRÊA 2004, p. 108). Assumindo a responsabilidade do Estado, que se fazia ausente às necessidades do povo, as irmandades foram idealizadas com o intuito de proteção e estratégias de sobrevivência.

Segundo o historiador João Reis (1991 apud CORRÊA, p. 115), o termo irmandade pode ser definido como:

Associações corporativas, no interior das quais se teciam solidariedades fundadas nas hierarquias sociais. Há ainda uma divisão clássica sobre tais instituições (Irmandades e Ordens Terceiras). Estas instituições já existiam na Europa desde o século XIII, aproximadamente, e foram introduzidas no Brasil pelos portugueses.

Entre Portugal e os reinos africanos de diferentes etnias, o jogo de poder passa a representar o contexto econômico e sócio cultural. A postura adotada pelos africanos como a submissão das práticas culturais era entendida como estratégias de sobrevivência e identidade africana. O português apresentava um caráter dominante, tendo como estratégia o descaso com o africano e o objetivo de manter, proteger e conservar o território conquistado, a fim de satisfazer seus desejos e necessidades ditadas por um espaço temporalidade específica.

A evangelização do povo negro passa a ser uma das atribuições dos portugueses, considerada como uma “evangelização superficial”, por não apresentar vontade concreta em catequizá-los. Os africanos vivenciaram sacramentos como a: confirmação, eucaristia, matrimônio e extrema-unção (BORGES, 1888; SOUZA, 1994; CALAINHO, 2000; MACCORD, 2001 apud CORRÊA, 2004, p. 110).

O sacramento de extrema-unção era considerado o de maior importância para os africanos, por representar a finalização e preparação do espírito para o encontro com o ser superior, e por lembrar as crenças e práticas religiosas tradicionais vividas na África. Os escravos foram impulsionados a fazerem parte das confrarias e, incorporados nas irmandades católicas, recebendo uma evangelização que preparava para a prática do catolicismo, tornando-os “verdadeiros cristãos”.

As irmandades católicas passam a representar para os escravos a possibilidade de amparo na morte, com a significância de que uma Boa Morte seria o retorno à convivência com suas origens e costumes. As irmandades de negros se constituem sob a eleição do culto a Nossa Senhora do Rosário, por apresentar

características semelhantes aos da cultura negra, estabelecendo a aproximação entre a fé e as necessidades da vida escravizada.

Em contrapartida, as normas de acesso a estas ordens, exigidas pelas colônias contrariavam as normas estabelecidas pela metrópole portuguesa, que eram: critério étnico racial e a condição de homem livre, mas desfavorecido. A ocupação do cargo máximo era jamais atribuída aos escravos, por não preencherem os requisitos compatíveis com a sua condição social.

Historicamente, no ano de 1505 D. Manoel concede aos negros livres, ou alforriados, o poder de criarem suas próprias irmandades. A intenção da coroa portuguesa consistia em ter controle sobre as ações dos negros. Inicialmente as irmandades de negros freqüentavam as mesmas igrejas que outras irmandades, mas se colocavam sob a condição de subordinados ocupando os altares laterais, até que conseguissem angariar recursos, com suas festas e comemorações, para construir suas próprias igrejas.

Estas irmandades eram compostas por leigos, antigos servos, agora livres que se uniam a fim de estabelecer uma nova conjuntura social com o propósito da ajuda mútua. De forma singular, caracterizavam-se com suas profissões e se fortaleciam junto aos grupos. Os atos de solidariedade, fraternidade e respeito, eram percebidos nas procissões que atravessavam as ruas da cidade, comemorando os santos protetores de cada profissão. Intituladas como corporações de ofício, reuniam-se na organização do trabalho e do lazer, atuavam nas atividades religiosas e também das festas seculares.

Muitas irmandades foram fundadas por iniciativa dos próprios negros no século XVI. Prestígio para festejar a vida e a morte, essa era a regra nas irmandades negras coloniais. Desde o século XVII, os funerais suntuosos eram verdadeiros ritos de passagem, numa tentativa de igualarem-se às irmandades brancas (SOARES, 2000 apud BAHIA, 2010, p. 44). O receito de ter o corpo insepulto, ou sem a honra da Santa Casa faz com que os pretos queiram um funeral cristão, demonstrando o poder da irmandade em cuidar dos seus membros e enterrar seus mortos.

O comércio de escravos da África negra, a partir das últimas décadas do século XVIII, na cidade de Salvador, ocasionou o recebimento de artefatos vindos de várias tribos e reinos, e junto a essas especiarias, negros de etnia bantu, constituindo as primeiras irmandades de negros africanos no Brasil.

O surgimento das irmandades negras no Brasil escravocrata setecentista surge como um grande acontecimento que proporcionava ao africano e seus descendentes um espaço de significativa autonomia com a possibilidade de produzir quantias financeiras que resultassem em alforrias. Muitos dos negros libertos chegaram a ser membros de mais de uma irmandade, garantindo-lhes prestígio, certa seguridade, cidadania, estratégia de interação e resistência sociocultural.

Matoso (1992 apud CORRÊA, 2004, p. 126) analisando os testamentos de negros libertos ocorrido na capital baiana afirma que entre 1790 e 1830 somente 21,6% dos homens e 18,5% das mulheres negras não declaravam pertencer a uma irmandade. Sendo constatada a presença de muitos deles em mais de uma irmandade, conferindo uma posição relevante na estratificação social gerada na colônia, evidencia-se que a família, as irmandades, em conjunto com o Estado e sua instituição desenvolveram importante função como núcleos que teciam as relações sociais.

Em 1719, devido aos altos índices de mortalidade dos escravos, Dom João V repreendeu duramente o bispo português que estava em Angola por não fazer com que todos os escravos recebessem o batismo e a instrução espiritual antes do embarque. O rei também ordenou que os padres das paróquias do Brasil apresentassem ao ouvidor da comarca uma lista dos senhores que deixavam de batizar e catequizar seus escravos. (RUSSEL, 2005).

Para surgimento destas irmandades era preciso submeter à aprovação do rei os rascunhos finais da proposta do estatuto. Depois de consultar o corpo de conselheiros do Tribunal da Mesa da Consciência e Ordens, a aprovação era concedida sem reservas ou na condição de que as alterações recomendadas fossem adotadas.

As irmandades negras originaram-se pela necessidade de recuperar todas as alianças tribais presentes na sociedade africana, já que ao chegarem ao Brasil os negros tinham todos os resquícios de tradições africanas de dança, música, religião ou costumes sociais perseguidos.

Havia irmandades que eram compostas por negros africanos e outras só com crioulos e muito embora apresentassem características semelhantes, mas não se misturavam. Estas eram compostas por diretoria, definidas através de eleições, por sinal, fraudulentas que beneficiavam as irmandades compostas por brancos. O

interesse das autoridades em nomear membros das irmandades brancas, repercutia desfavoravelmente para as irmandades dos negros ou mulatos.

A diretoria das irmandades de negros e mulatos costumava compor-se de um presidente, escrivão, tesoureiro e um número variável de irmãos, e não admitia a presença feminina no poder.

No Brasil estas irmandades buscavam sua renda em quatro fontes principais: contribuições financeiras, aluguéis, donativos e heranças. Todos os candidatos e suas esposas deveriam pagar uma taxa de subscrição ao serem aceitos na irmandade, e a partir disso, contribuições anuais.

O papel vital desempenhado por essas irmandades na promoção da adaptação e da integração social do escravo e do negro liberto e mulato no Brasil colonial foi reconhecido pela Coroa, pelas câmaras municipais e pelos colonos. A criação e a proliferação de tais irmandades eram bem recebidas pela Coroa, como testemunho vivo do sucesso dos portugueses na conversão e como justificativa dos privilégios concedidos à Coroa portuguesa no Padroado Real.

As irmandades favoreciam seus membros através da preservação e desmistificação dos valores étnicos. Entre elas, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, considerada entre as mais antigas do país. Observa-se que à escassez de documentos reflete o não reconhecimento quanto aos seus valores e interesses, embora desta forma uma organização social e hierárquica constituída de normas, direitos, deveres e valores.

Para o antropólogo Júlio Braga (1982, apud BAHIA, 2010, p. 31) as irmandades negras foram utilizadas como “meio de controle social” e “instrumento poderoso de submissão para o escravo”, sendo estas organizações religiosas como um organismo de acomodação e de aculturação. Importante ressaltar que os africanos transferiram para as associações religiosas cristãs um ethos identitário de ser, pensar, agir e cultivar.

Alguns estudiosos insistem em pensar as irmandades no contexto da tolerância aos africanos, como nas comemorações, festejos, batuques, lundus, reinados, visto pelos senhores como forma de distrair os escravos, um meio de atração a religião do branco com controle e vigilância sob a conduta destes.

Contudo, essas organizações serviam como fortalecimento e legitimidade dos africanos e seus descendentes, um cunho institucional para além da esfera religiosa, fazendo deles agentes políticos: participando de práticas católicas poderiam

projetar-se para além das fronteiras do trabalho exercido no âmbito privativo e saíam do espaço fechado das senzalas para um ambiente mais aberto e flexível, reunindo-se nos cantos da irmandade. Gozavam de certa isonomia social no âmbito das representações, na medida em que faziam suas festas, procissões e enterros.

A irmandade da Boa Morte radicada na cidade de Cachoeira remonta ao século XIX na cidade de Salvador, com grande atuação das práticas religiosas, ocasionando muitas transformações nas relações sociais da comunidade brasileira. Os cultos aos orixás ligados as celebrações católicas, assemelham-se entre estas religiões e aborda o período de prosperidade econômica que se perdurou na cidade de Cachoeira com o grande contingente de mão de obra escrava e a contribuição das irmandades negras.

O sentido da liberdade era almejado por todas as esferas; tanto do Brasil com o processo de independência da metrópole portuguesa, como do negro africano e dos seus descendentes, que lutavam pela estruturação da sua identidade. Ambos materializados pela atuação das irmandades. Esta confraria composta unicamente por mulheres negras e livres obtém destaque por constituir-se das duas práticas culturais, vinculadas ao catolicismo e ao candomblé.

A representação dos cultos católicos assinala a importância desta religião na festa da Boa Morte. Nascimento (1988) sinaliza as evidências dos rituais e das irmãs junto à presença das crenças africanas baseado nas ações, trajes e costumes.

É datado no ano de 1789 um relatório que constava 11 irmandades negras na cidade de Salvador, excluindo as dedicadas a Nossa Senhora do Rosário. É possível que o número de irmandades negras em Salvador excedesse este número. No desenvolvimento dessas irmandades, predominaram no século XVIII, as irmandades formadas por mulatos, ocasionando no poder de decisão, e na obtenção das cartas de alforria, com isso poderiam gozar de maior mobilidade física e consolidar a posição dentro de certos limites, social e economicamente (RUSSEL, 2005).

Até a primeira metade do século XIX na Bahia havia 36 irmandades de crioulos, africanos, escravos e libertos, cujos sócios quantificavam cerca de 90% de africanos e seus descendentes, sendo comum a participação em múltiplas irmandades. Já na cidade de Salvador no século XVIII registra-se 16 irmandades negras (REGINALDO, 2005, apud BAHIA, 2010, p. 33).

As irmandades que obtinham a preferência dos homens pretos da Bahia eram escolhidas através de afinidades com sua trajetória, história de vida e morte e agruras. A diáspora e a escravidão desmembraram os laços familiares consangüíneos africanos, entretanto, puderam ser reafirmados através do parentesco comprovado nos documentos internos das irmandades negras. Com isso o vínculo era constituído a partir de uma identidade étnica calcada na reconstrução de um passado comum e de uma organização social e religiosa (SOARES, 2000 apud BAHIA, 2010, p. 36).

A representação de reis negros na irmandade caracteriza-se pelo diálogo elaborado na diáspora africana e reelaborado no Brasil. Com isso surgiram às festas de coroações de reis, aceitas, mas muitas vezes perseguidas pelas autoridades senhoriais. Estas celebrações representavam para os africanos a memória da terra natal e para os colonizadores, o Império conquistado em nome de Cristo (MELLO E SOUZA, 2002 apud BAHIA, 2010, p. 60)

Nos últimos anos do século XIX, na cidade de Salvador as pesquisas apontam para a existência de uma irmandade de mulheres negras de nação Ketu, da igreja da Barroquinha. A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte criadora do primeiro terreiro de candomblé.

Pertencer a uma irmandade em Salvador no século XIX era de grande significância, tanto para os brancos e pardos, representando a continuidade no mesmo grupo social, no caso de falência econômica, como para os negros, que além de assistir aos seus membros, espiritualmente e materialmente, representava o resgate da família, possibilitando os laços de parentesco.

Os autores (LODY, 1980; VERGER, 1999, apud CORRÊA, 2010, p. 126) sinalizam a possibilidade da festa da Boa Morte ter sido cultuada nas duas cidades (Cachoeira e Salvador) durante muitos anos, e somente por volta dos anos 30 desaparecerem de Salvador.

O deslocamento para a cidade de Cachoeira sucedeu no ano de 1820 devido às rebeliões de escravos e a perseguição ao candomblé na cidade de Salvador pelas autoridades, e visto que, o incremento do fumo no Recôncavo possibilitou a inclusão de africanos no trabalho o que gerou também renda.

Era comum que irmandades de negros se alojassem nas igrejas católicas até obterem as suas, agindo diferentemente das irmãs da Boa Morte, que se instalaram numa casa residencial, onde ficavam as imagens e alfaias de Nossa Senhora da

Glória e da Boa Morte. Este imóvel era situado na periferia e se manteve como local de encontro dos africanos.

Observa-se que somente em 1839, ano de fundação da irmandade em Cachoeira é que se pode constatar o culto ao catolicismo, passado dezenove anos da vinda de Salvador para Cachoeira. Os rituais do candomblé ocorreram durante este tempo na casa em que se intitulou de casa Estrela.

A presença dos grupos étnicos em Salvador contribuiu no fortalecimento da representatividade cultural, pois este fato que suas identidades étnicas e sua disposição para lutas incomodavam setores importantes da classe senhorial. Segundo Nascimento (1999) o culto a Nossa Senhora da Boa Morte era realizado nas irmandades sempre no mês de agosto, no período do calendário católico e somente no final do século XVIII é que as mulheres assumem interinamente a realização dessa festa.

A celebração da festa da Boa Morte e assunção de Nossa Senhora era realizada nos dias 13, 14 e 15 de agosto. Existem registros de que, anterior a esta irmandade, já ocorria anualmente nesta data à procissão realizada pela Irmandade do Senhor dos Martírios, com seus membros de etnia Gege localizados na Baixa dos Sapateiros.

Autores como (REIS, 1991; e VERGER, 1999, apud CORRÊA, 2004, p. 145) afirmam que o culto a Nossa senhora da Boa Morte, era efetivada pela irmandade do Senhor dos Martírios, e segundo Lody (1981, apud CORRÊA, 2004, p. 145) este culto era praticado em outras igrejas como a da Saúde, São Domingos, São Francisco, Sant'ana, Senhora do Carmo. Mas era a procissão da Boa Morte que atraía maior número de devotos e tinha um extenso percurso quando os participantes em sua maioria adotavam comportamentos desfavoráveis a prática religiosa, pois eram servidas comidas e bebidas que propiciavam a condutas festivas, mesmo estando nas dependências da igreja católica.

Antigamente a festa da Boa Morte era analisada sob dois aspectos, a do ato solene, que representava a formalidade e a concentração no âmbito político, social e econômico e a da comemoração, que representava o ato da liberdade, alegria e descontração, sendo demonstrado no decorrer das missas na cidade. Vale frisar que o ato da comemoração era visto como forma de extravasar as tensões vividas por estes povos.

Importante apontar a atuação das irmãs quanto à religiosidade relacionando os orixás aos santos católicos, a singularidade por ser unicamente composta por mulheres e a apresentação quanto aos seus adereços, vestimentas e indumentárias.

Durante a década de 50 até 70, do século XX na festa da Boa Morte eram estabelecidos pontos de referência como o arranjo espacial na cidade dinamizando o desenvolvimento da festa. Estes processos são seguidos até os dias atuais.

Atualmente as comemorações acontecem na cidade de Cachoeira sendo presidida por mulheres negras que compõe a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, anualmente durante dias do mês de agosto na rua 13 de maio, em três casarões do final do século XVIII, onde após a Procissão da Assunção de Nossa Senhora da Boa Morte são realizadas as apresentações dos grupos de samba de roda, atraindo admiradores, adeptos do candomblé e turistas do Brasil e de outras nacionalidades (FERREIRA, 2005).

Para este acontecimento organiza-se uma comissão para a escolha dos cargos: juíza perpetua, representando a Virgem Maria, com alto poder de decisão; escritã, podendo exercer este cargo após ter passado pela condição de postulante, irmã de bolsa; o cargo de tesoureira, somente podendo exercer após ter passado pela experiência de escritã; provedora que deve já ter exercido os cargos de escritã, tesoureira e que integrem a irmandade há muito tempo, tendo passado anos de dedicação e trabalho em prol do grupo e o cargo de procuradora geral, que tenha alto grau de conhecimento religioso, merecendo destaque na hierarquia, mesmo não sendo a responsável principal pela festa.

Ao longo deste ritual, os cargos são identificados de acordo com as funções desenvolvidas, seja na posição de atuação no cortejo, nos incrementos utilizados, e até mesmo no privilegio de conduzir à santa.

Para a escolha das irmãs são seguidas algumas exigências, como ter parentesco ou ser indicada, ser vinculada a algum terreiro, ter mais de quarenta anos, e ter a possibilidades da aquisição de jóias, as quais simbolizam uma identidade social e étnica, sendo elas de responsabilidade individual, ostentando assim riqueza como sinal de status financeiro.

Iniciando com o peditório, intitulado como a esmola geral, as irmãs saem pelas ruas da cidade arrecadando colaborações da comunidade, bem trajadas e dotando uma bolsa de veludo vermelha com o emblema da irmandade. Dando o

prosseguimento com o festejo, acontece o ritual dos foguetórios que representa a alegria por esta etapa cumprida.

Atos como estes são cultuados nos dias atuais assim como a realização das missas em louvor a Nossa Senhora e as irmãs falecidas, sendo servida pela noite a ceia branca na sede da irmandade. Finalizando, no domingo acontece o cortejo acompanhado das filarmônicas pela cidade com muitos visitantes e adeptos do candomblé e encerrando os atos festivos na sede é feita a recepção ao cortejo com toques de valsa dançados pelas irmãs, dando início a comilança com feijoada e sarapatel ao som do autêntico samba de roda.

No dia seguinte ocorre a distribuição de caruru, cozido e moqueca com mais samba de roda até a madrugada. Com isso, as irmãs se despedem dos convidados e completa-se o ritual.

A festa de Nossa Senhora da Boa Morte mantêm-se ao longo dos anos, como uma celebração religiosa que acontece desde o século XIX. Segundo Reis (2002 apud FERREIRA, 2005, p.101) “a festa fez parte da vida dos escravizados, caracterizada como um momento de reencontro, planejamento e articulações contra os brancos”.

Na festividade e dentre os várias manifestações sobressai o samba de roda que contempla a unificação entre os povos, os valores sociais, morais e éticos, contribuindo para a humanização da sociedade. De forma harmônica este cumpre as regras estabelecidas pelas organizações dos grupos, universaliza o conhecimento e segue a linha do paternalismo. Esta prática cultural considerada como elemento fundamental aponta nas letras musicais a realidade como forma de desabafo, simbolizando a resistência.

A festa de Nossa Senhora da Boa Morte revela-se como acontecimento histórico que se perdura pela sua tradição com a conservação da origem, valorização da cultura e preservação do patrimônio histórico cultural. Considerada como meio de articulação entre os diversos povos, etnias e classes sociais, que se se exprime no sincretismo da religiosidade popular. Segundo Valmir Pereira (2000, apud MARQUES, 2002, p. 2) a festa ocorre há 226 anos, sendo a única irmandade que resiste, sobrevive e valoriza as tradições até os dias atuais.

4 O TURISMO ÉTNICO NA CIDADE DE CACHOEIRA

Na atual ordem mundial o turismo apresenta-se como fenômeno em crescente expansão, seja no âmbito histórico, cultural, social e econômico, tornando-se um fator de desenvolvimento. Diante deste cenário, surge o turismo étnico baseado no encontro entre os povos, na busca em conhecer os países e costumes de seus antepassados. Neste contexto, se insere a cidade de Cachoeira devido aos resquícios da herança sociocultural africana.

Neste território, seus valores significativos, despertam em muitos cidadãos o interesse em conhecê-la. A perpetuidade das tradições culturais como a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, o samba de roda, acervos arquitetônicos entre outros, contribuem para o forte apelo turístico.

Localizada no Recôncavo baiano, Cachoeira situa-se a 110 km da cidade de Salvador, detém um grande acervo histórico cultural através das construções coloniais, como prédios e casarios.

O acesso a cidade pode ser realizado pelos modais rodoviário, através das BR 324 e BR 101 e marítimo partindo pela Baía de Todos os Santos, chegando à foz do Rio Paraguaçu, que apresenta facilidade em pequenas e médias embarcações.

Cachoeira foi ocupada inicialmente por grupos indígenas remanescentes e logo depois pelos irmãos conquistadores Álvaro, Gaspar e Rodrigues – netos de Diogo Álvares Correia “O Caramuru” e sobrinhos de Paulo Dias Adorno, genovês erradicado na Bahia e casado com uma das filhas de Caramuru. Este fato ocasionou em grandes mudanças históricas, favorecendo o desenvolvimento social e econômico da região.

Segundo Castro (2006), a economia açucareira não poderia se implantar no Recôncavo sem trazer consigo a escravidão. A prosperidade oportunizada pela Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira atraiu, a partir da metade do século XVIII, nativos e libertos de várias localidades, fato este que reforça a situação do Recôncavo, e em especial Cachoeira, como uma área de relevante herança sociocultural africana. Sua base agrícola era composta pelo plantio e cultivo do algodão, café, gado e principalmente pelo açúcar e fumo. É fato que no período de independência do Brasil aconteceram grandes momentos de tensão.

“[...] A riqueza e a opulência dos senhores de engenho de outrora conferem a Cachoeira, até os dias atuais, o segundo maior acervo arquitetônico em estilo barroco do Estado. Igrejas, casarões, prédios seculares e tantas outras construções que contribuem com a configuração de um Recôncavo histórico e não apenas fisiográfico” (CASTRO, 2006, p. 32).

É relevante a participação negra no desenvolvimento socioeconômico – cultural – de Cachoeira.

Pode ser constatada em várias dinâmicas ainda desenvolvidas na cidade. Do candomblé passando pela capoeira, maculelê, o samba de roda e o reggae como gênero musical étnico e identitário, reforçam o status de Cachoeira como uma cidade de grande referencial da negritude – este fato estimula e reforça o desenvolvimento de uma modalidade turística: turismo étnico (CASTRO, 2006, p. 33)

Hoje Cachoeira é um dos menores e mais pobres municípios do estado da Bahia. Mitsuru Golias (2001 apud CASTRO, 2006, p. 74), em matéria publicada na revista Terra de novembro do ano de 2006, após percorrer a cidade e conhecer sua história e realidade, afirmou: “Duas vezes sede do governo estadual, hoje Cachoeira cochila à espera das verbas de Salvador”. Castro (2006, p. 87) aponta que com a criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira passou a sediar o Centro de Artes e Humanidades e Letras, oferecendo, inicialmente os cursos de Comunicação, História e Museologia. Isto ocasionou em alterações quanto aos costumes, preços dos bens e imóveis, inclusão dos membros da comunidade, entre outros.

Resistência, fé e muita devoção. Com esses elementos, acontece anualmente a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, no município baiano de Cachoeira.

É importante desmistificar o conceito de festa, conteúdo cultural do lazer que permeia essa manifestação, ou seja, as relações, os valores e interesses que por meio de práticas múltiplas, criam a pluralidade da cultura e deturpa o momento.

Magnani (1993, apud ROSA, 2002, p. 22) conceitua festa como um universo político, sociocultural, econômico e simbólico. É memória, tradição. Sua experiência ocorre por meio de ações de múltiplas personagens ao exercerem diferentes papéis sociais estabelecidos e recriados no decurso de relações instituídas antes, durante e após a celebração que devem ser analisadas de ângulos diversos, considerando as referências culturais do lugar.

Por um lado, a festa é uma atividade mobilizadora da atividade turística que ocorre atendendo a diferentes interesses – histórico, rural, cultural, lazer e negócio,

dentre outros -, ao atrair visitantes de lugares diversos, em períodos específicos, para o local de sua realização; por outro o turismo possui, dentre suas ações, um programa de atração e exploração, tendo a festa como produto turístico (ROSA, 2002).

Magnani (1993, apud ROSA, Op.cit. p. 22) compreende que a festa proporciona a interação entre os povos de localidades distintas, e cada qual desenvolve o seu papel em busca da satisfação dos seus interesses. Em outro âmbito, apresenta-se como um filão para o desenvolvimento econômico desta atividade turística.

O órgão oficial de turismo da Bahia - BAHIAATURSA inseriu as festividades da Boa Morte no calendário das festas da Bahia que engloba programações ligadas ao segmento étnico, atraindo historiadores, estudiosos e admiradores todos os anos para a cidade de Cachoeira.

A contribuição dada pela BAHIAATURSA com a comercialização deste acontecimento de forma massiva tem o intuito de atrair o maior número de visitantes e geração de renda. Estas ações refletem negativamente para a comunidade, com a má distribuição dos benefícios na localidade, e para os visitantes, mediante a referida “turistização” se dá ênfase ao espetáculo das potencialidades, com o intuito simbólico de destinar os recursos e produtos ao consumo turístico.

O governo como órgão principal desta dinâmica deveria preocupar-se em fomentar o turismo étnico como uma atividade sustentável. Poucos membros da comunidade estão inseridos neste processo de forma autônoma, e preparam-se para receber o grande fluxo de visitantes na festa da Boa Morte na cidade de Cachoeira, com a venda dos seus quitutes, bebidas, artesanatos, entre outros, o que significa dizer que trabalham em atividades periféricas e não na essência deste turismo étnico.

A presença dos afro descendentes e afro americanos no território da festa da Boa Morte em Cachoeira traduz o quanto este evento está vinculado à vida destas pessoas. Em uma reportagem concedida ao Jornal A tarde em 22 de agosto de 1994, intitulada como “Afro-americanos procuram suas origens na Festa da Boa Morte” a pesquisadora Cathy Royal comenta: “A nossa tradição religiosa foi totalmente suprimida nos Estados Unidos e, depois que os afros americanos

conheceram a festa da Boa Morte, passaram a ver de maneira diferente a própria cultura americana”. (informação verbal) ²

A atuação da irmandade neste segmento étnico, de acordo com Castro (2006) simboliza a luta dos povos afro descendentes na diáspora africana e sua emblematização como confraria singular, detentora de raízes e tradições étnicas, e justificam, de forma relevante, esta procura dos afros americanos pela Irmandade da Boa Morte.

O papel da imprensa na trama da “turistização” de Cachoeira com um grande número de profissionais brasileiros e estrangeiros apresenta conseqüências positivas e negativas para a Irmandade da Boa Morte. Por um lado, divulga a inúmeros países o acontecimento da festa, por outro, exige-se que os membros da irmandade contratem seguranças para acompanhar o cortejo durante todo o período de realização da festa.

Segundo Castro (Op.cit., 2006) nas festividades da Boa Morte além das personalidades políticas, registra-se também surpreendente número de organizações culturais dispostas a homenagear a Irmandade. Entre eles o afoxé Filhos de Gandhi, movimento negro, grupos da melhor idade, capoeiristas, entre outros.

Alguns acontecimentos paralelos à festa vêm preocupando a irmandade no sentido da descaracterização da festa. Esta notícia foi veiculada no Jornal Correio da Bahia, em 18 de agosto de 2003 que constatou: “somente no domingo 46 ônibus de turismo chegaram a Cachoeira”, atraídos por diversos segmentos como carros de som, batucadas, arrastões, charangas fugindo da tradicionalidade da festa. (informação verbal) ³

Logo após o acontecimento da festa, o Jornal A tarde publicou no dia 16 de setembro de 2010 a matéria Salve (m) a Festa da Boa Morte, e retratou sobre a possível carnavalização desta celebração na cidade de Cachoeira que há mais de 200 anos vem sendo promovida pela Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.

Reconhecida nacional e internacionalmente, seduz a cada ano milhares de pessoas atraídas pela tradição, sincretismo, história de resistência e descendência. Porém muitas pessoas estão indo para esta festa de cunho religioso, em busca de

² Notícia fornecida pela pesquisadora da Universidade de Maryland (EUA) e especialista em cultura Africana nas Américas em agosto de 1994.

³ Notícia fornecida pela jornalista Andréia Santana em agosto de 2003.

divertimento como sambão e batucadas durante a realização da missa solene, interferindo no teor religioso da festa.

Diante deste cenário, pode se perceber que a cidade não dispõe de infraestrutura adequada, principalmente a respeito da transmissão de informações por não dispor de serviço de receptivo, com informações e folders informativos sobre a festa. O turismo como forte gerador de renda e também aliado no desenvolvimento da cultura, apresenta a festa como atividade turística, mantém suas características e deveria preservar os valores tradicionais. O Estado reforça a importância da cultura, mas prioriza em seus folhetins a divulgação sobre o acontecimento da festa, beneficiando-se.

A intervenção política se deu nos anos 80. Devido a este fato, a Irmandade passou a depender do interesse turístico, através do financiamento de grupos americanos, impondo caráter político a festa. Isto ocasionou uma série de conflitos entre a igreja católica e a Irmandade, com mudanças na gestão da igreja católica e por fim no reconhecimento da importância da Irmandade da Boa Morte. A igreja se reportou a Irmandade com pedidos de perdão.

O surgimento da cidade de Cachoeira, e sua ascensão ao turismo se deram a partir do reconhecimento dos valores, tradições históricas culturais, e descendência africana. Uma gama de características denota o Recôncavo baiano como rico em ancestralidade, identidade, sincretismo e valores culturais cultuados a partir da festa de Nossa Senhora da Boa Morte.

Durante a visita de campo na cidade de Cachoeira, foi possível perceber como o turismo étnico está inserido na festividade da Boa Morte. A população pesquisada foi dividida em cinco segmentos, que foram entrevistados por meio de questionários, a saber: o historiador Luís Cláudio Nascimento; membros da comunidade; as irmãs da Boa Morte e seu administrador Valmir Pereira; o funcionário do Órgão de Turismo do Estado da Bahia – Bahiatursa Sr. Antônio Moraes e por último os visitantes/turistas afro descendentes no período da festa.

Quando entrevistado, o historiador Luis Cláudio Nascimento definiu o turismo étnico como uma criação muito recente, voltada para as políticas públicas sobre o negro, raízes culturais e manifestações de cunho africano no Recôncavo baiano.

Segundo Nascimento (informação verbal) ⁴ desde a década de 90 a cidade absorveu uma presença massiva de negros americanos (EUA), ocasionando no ano de 1988 num conflito entre a Igreja Católica e a irmandade por causa do turismo. O grande precursor e agente de turismo, Jimmy Lee, negro, norte americano, surgiu em Cachoeira, se relacionou com a comunidade e pesquisou sobre a potencialidade cultural para um turismo étnico na cidade, atraindo afro descendente americanos para ver na América o que eles não viam nos Estados Unidos, sobre a África.

Por causa deste agente, a festa da Boa Morte se tornou uma grandiosidade internacional, passou a ter visibilidade, se tornando carro chefe deste segmento do turismo. Considerada como tradição secular caracteriza-se pela potencialidade cultural e atrai turistas interessados na riqueza histórica.

A Boa Morte simboliza as irmandades que existiram no século XVIII e XIX, preservando até hoje as antigas tradições. Ícone da representação afro religiosa no Brasil/Mundo representa a única instituição religiosa de cunho católico, formada por mulheres negras oriundas da escravidão e de descendência africana. Todas estas irmãs possuem uma relação íntima com o candomblé.

Quanto às festividades, a cidade atualmente recebe em torno de três a seis mil pessoas, durante os três dias de festa um grande fluxo de pessoas. Sabe-se que a localidade tem grande benefício econômico, mas nem todos estão participam desta parcela. Em detrimento da sustentabilidade, preservam-se as manifestações e não se geram emprego e renda para os moradores locais, pelo contrário, oriundos do Pelourinho e outras instituições formais (estruturadas) ocupam salas e espaços para expor seus artesanatos, livros, especiarias, confecções entre outros.

Recentemente o mês de agosto foi transformado em discussões sobre o negro, assim como o mês de Novembro. A Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB realizou o 4º Simpósio sobre etnicidade, e teve o apoio da Fundação Hansen Bahia, adeptos do candomblé, iniciativas pessoais e privadas, com o objetivo de dar confiabilidade e confortabilidade para que as pessoas se sintam bem ao chegar à cidade no período da festa.

Nascimento aponta como fator negativo à atuação do Órgão de Turismo da Bahia – Bahiatursa,

⁴ Nascimento lançou livros sobre a Irmandade, e suas tradições históricas culturais.

A festa da Boa Morte tornou-se desinteressante de 40 anos para os dias atuais, e atualmente se configura pela sua espetacularização, a grande importância da Bahiaturra é o espetáculo que esta festa causa, determinados rituais não são mais realizados devido ao estereótipo da festa, a cidade saturada deste público, perdendo seu conteúdo mágico religioso, sagrado e político. Tornando-se uma festa de largo⁵. (informação verbal)⁶

Nascimento (informação verbal) comentou ainda que a festa na cidade de Cachoeira esteja tomando uma proporção muito grande quanto aos acontecimentos culturais e o Governo, representado pela Bahiaturra está se preparando para receber este público. Sugeriu algumas mudanças para a irmandade, como a retomada de antigas obrigações, o ato de velar o corpo de Nossa Senhora e o despacho das oferendas no caminho da procissão, atribuições estas que não estão ocorrendo, melhor conscientização dos turistas, fotógrafos e comerciantes no respeito às tradições e no implemento da atividade turística.

A fim de conhecer a relação e expectativa dos moradores locais com o turismo, foi realizada uma pesquisa quantitativa com os habitantes, sob a forma de questionário com perguntas objetivas.

Os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória, conforme foram sendo encontrados na praça, na feira e nos locais percorridos durante a visita de campo, representados por 60% do público masculino e 40% do público feminino,

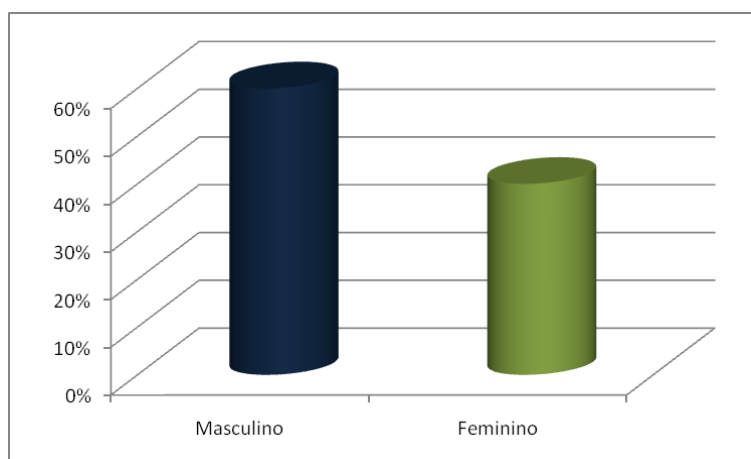


Gráfico 1 – Gênero dos moradores
Fonte: Oliveira, 2011.

⁵ “Festa de Largo” é uma denominação baiana para as festas populares, que ocorrem nos logradouros públicos, como praças e ruas da cidade, nas quais, a bebida é farta, com blocos que arrastam a multidão dançando. E como um carnaval, porém como não é período de carnaval – fevereiro – identificam esta manifestação como festa de largo.

⁶ Nativo de Cachoeira, Luis Cláudio Nascimento é historiador e já produziu publicações sobre a Irmandade da Boa Morte, entrevistado na sua residência na cidade de Cachoeira em dez. 2010.

na sua maioria com idades entre 18 e 29 anos de idade e 30 e 40 anos de idade contabilizados em 72% e maiores de 50 anos de idade com 28%.

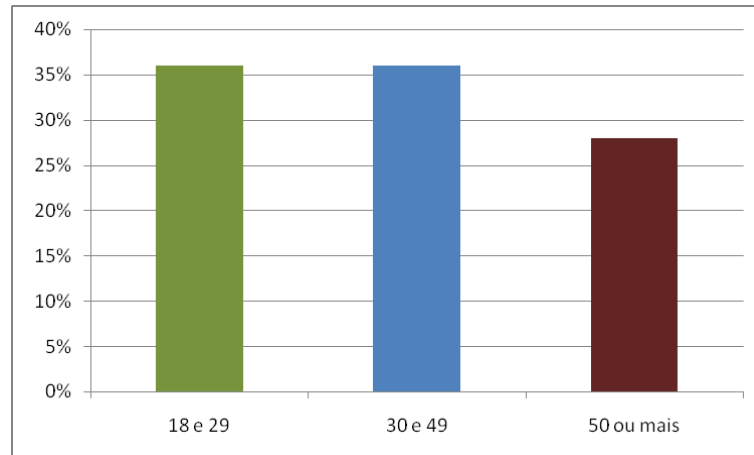


Gráfico 2 – Faixa etária da comunidade.
Fonte: Oliveira, 2011.

42% da comunidade consideram a conservação do Patrimônio e cultura como maior benefício da indústria turística em Cachoeira. Apenas 24% acreditam que o benefício maior é a geração de emprego e renda. Observa-se que os resultados obtidos condizem com o propósito da pesquisa.

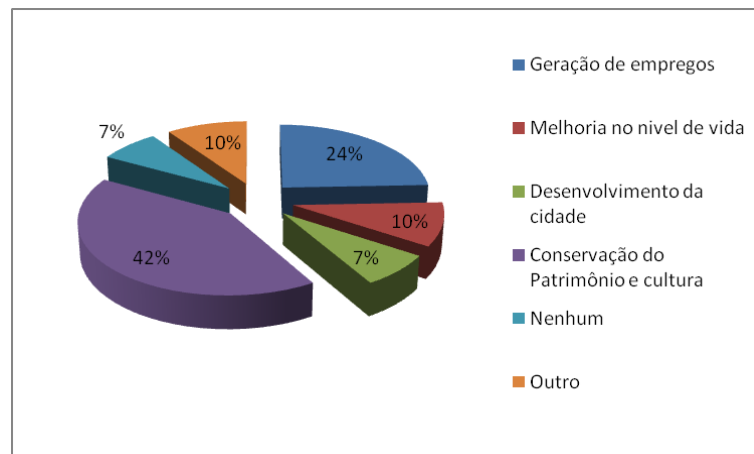


Gráfico 3 – Benefício do turismo para a comunidade
Fonte: Oliveira, 2011.

Como característica de atividade capitalista, o turismo gera benefício e malefícios. Quando questionados sobre os aspectos negativos do turismo, 32% dos moradores afirmam que o aumento dos preços é um dos principais malefícios da atividade.

De fato, o aumento dos preços decorrente da atividade turística, constitui um fator negativo do turismo, já que este muitas vezes funciona como mola propulsora da economia de uma região, e acaba despertando expectativas e esperanças quanto a melhores condições de vida.

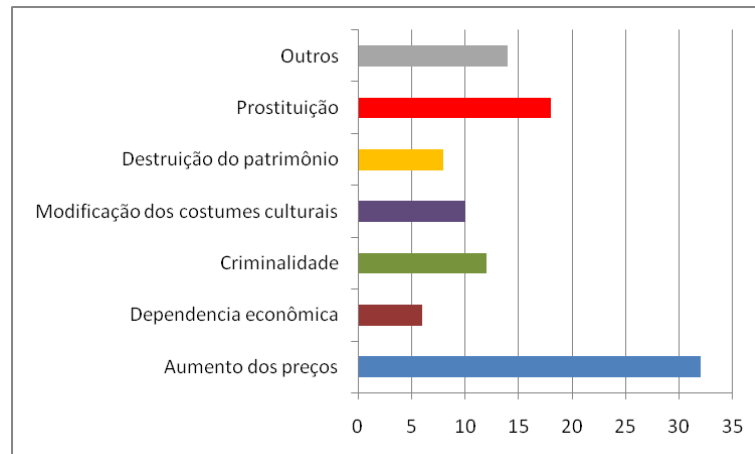


Gráfico 4 – Ponto negativo do turismo na cidade.
Fonte: Oliveira, 2011.

Com tanta procura pela cidade no período da festa da Boa Morte, pode ser observado que alguns fatores implicam em aspectos negativos no desenvolvimento da atividade turística. O item segurança com 48% constitui o principal obstáculo para o crescimento do turismo em Cachoeira, segundo os moradores. Ações públicas que efetuassem melhorias na infraestrutura e divulgação seriam bem vistos pela população como forma de atrair mais turistas.

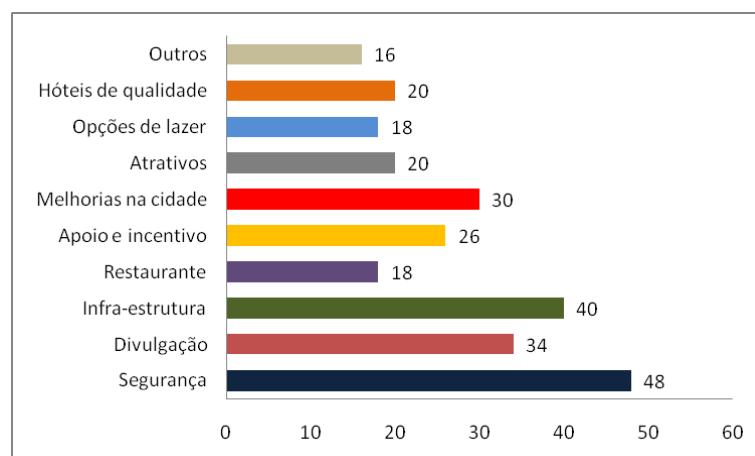


Gráfico 5 – Itens que faltam para a cidade atrair mais turistas.
Fonte: Oliveira, 2011.

Entre os entrevistados, pode-se também constatar que a comunidade participa diretamente da festa da Boa Morte, seja no lazer, trabalho, estudo ou outros.

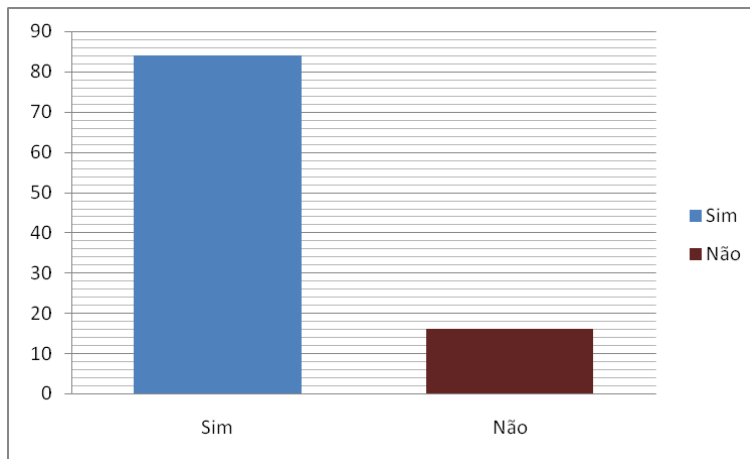


Gráfico 6 – Participação da comunidade na festa
Fonte: Oliveira, 2011.

A atuação pública interfere em todo o âmbito da cidade, sabe-se que se o seu desenvolvimento for satisfatório, irá refletir de maneira positiva tanto para a comunidade, quanto para os visitantes/turistas. A cidade deve atender as necessidades básicas da população local e ter capacidade de gerir o turismo na esfera da festa.

30% da comunidade cachoeirana assinalou a atuação municipal como regular e 4% como ruim ou não respondeu. Isto mostra que o poder público local representado pela secretaria de turismo não está dando a devida atenção para a atividade turística.

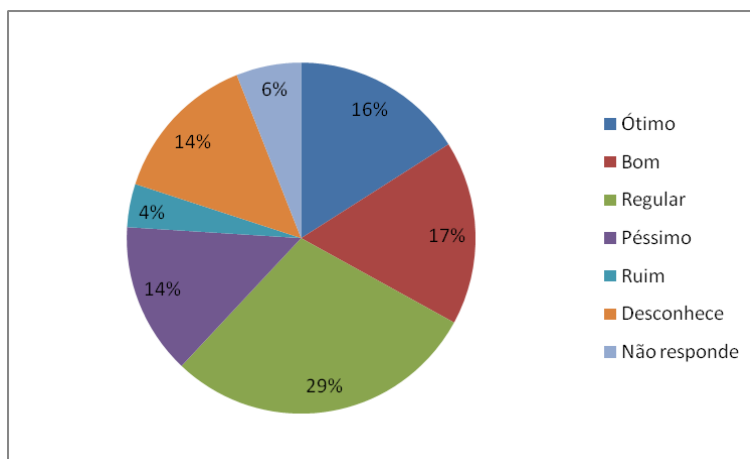


Gráfico 7 – Atuação do Poder Público Municipal
Fonte: Oliveira, 2011.

Em junho de 2010 o Livro Festa da Boa Morte do Instituto de Patrimônio Artístico Nacional - Épica (BAHIA), noticiou que o segmento de matriz africana, a festa da Boa Morte, em Cachoeira passou por um processo de inclusão no Livro de Registro de Eventos e Celebrações como Patrimônio cultural da Bahia. Este reconhecimento visa à continuidade garantida e a sua auto-sustentabilidade, com ações de salvaguarda como implantação do memorial na casa da irmandade, divulgação na rede de TV pública e distribuição de material áudio visual, atualização das pesquisas e, com isso, alimentação do dossiê de Registros, promoção de seminários acerca do tema, instrumentalização administrativa das irmãs, para que as mesmas possam definir o modelo de gestão mais apropriado para sua irmandade, entre outras ações.

No decurso da visita de campo, convencionou-se conhecer a Irmandade da Boa Morte. Na ocasião, foram aplicados questionários próprios para as irmãs e entrevista a Valmir Pereira, administrador desta confraria religiosa. Como um dos requisitos, a maioria delas possui mais de 50 anos e a mais idosa das irmãs a Sra. Narcisa Cândida da Conceição, “mãe filhinha” tem 106 anos.

Identificou-se que 54,5% das irmãs sentem-se muito satisfeitas e 36,4% estão satisfeitas em participar da irmandade.

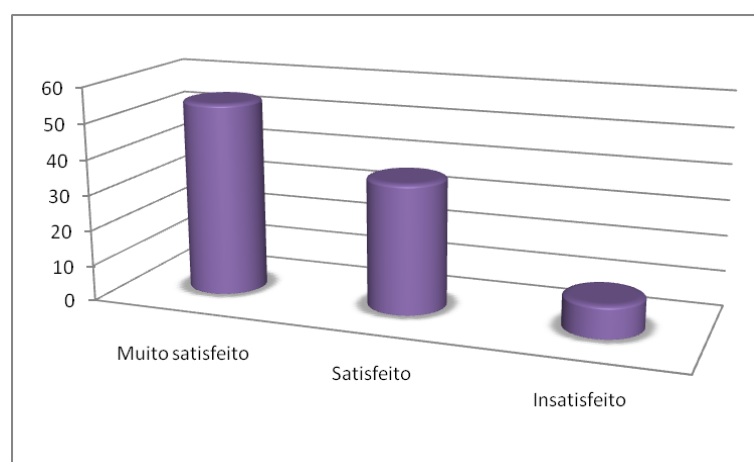


Gráfico 8 – Grau de satisfação da Irmandade
Fonte: Oliveira, 2011.

No período que antecede a festa, meses de junho e julho, as reuniões são mais freqüentes, principalmente entre a comissão, que vêem a roupa de Nossa Senhora, as flores e contrato das orquestras que irão fazer parte da festa.

Anualmente, no início do mês de agosto é feita a eleição para escolha da Comissão das quatro irmãs que representarão a Irmandade no ano seguinte, nos cargos de procuradora geral, provedora, escritã e tesoureira, e tomam posse no dia 8 de setembro na festa de Maria.

Em relação ao turismo étnico, entende-se este segmento como associado ao turismo cultural. Segundo Cardozo (2006 apud Queiroz, 2009, p. 4) a ordenação da oferta das localidades, devem estar alicerçadas nos aspectos que atuam como caracterizadores das mesmas. Dessa interação podem surgir situações contraditórias quanto ao uso da cultura de uma localidade como produto turístico.

Para realização da festa, as irmãs contam o apoio do Governo da Bahia, da cachoeirana e deputada Lídice da Mata; os negros americanos ajudam através de depósito na conta da irmandade, a Sra. Maria das Dores, da igreja do Bonfim contribui com mantimentos, e no ano de 2010, o presidente da câmara municipal doou sacas de quatro tipos de mantimentos, como arroz, óleo, feijão e charque.

Os comerciantes contribuem no dia da esmola geral, quando as irmãs saem pelas ruas da cidade, cada qual com sua bolsa, arrecadando doações. A irmã Dady, que há dezenove anos faz parte da irmandade fez uma promessa, que enquanto estiver viva, anualmente doará um porco para a festa, que é dividido entre as irmãs.

Perguntadas sobre as mudanças ocorridas após o reconhecimento como Patrimônio Imaterial da Bahia, muitas delas assinalaram o respeito entre as pessoas e a presença de mais adeptos em busca de conhecimento, história, tradição secular, principalmente por estudantes, historiadores, pesquisadores e visitantes como um todo.

A sede da Irmandade encontra-se aberta todos os dias do ano, recebem a visita da comunidade, moradores de cidades vizinhas e turistas de muitas nacionalidades. Mantém como tradição as reuniões às quartas feiras na sede da irmandade, cumprindo a missão de rezar e cultuar Nossa Senhora.

O administrador Valmir Pereira (informação verbal) ⁷ com 45 anos, filho de Cachoeira, freqüentador desta celebração, tem a irmandade como referência negra, movimento que nasceu em Salvador, e logo após transferiu-se para o Recôncavo baiano. Ele apresenta a festa como manifestação característica da religiosidade popular ocorrida anualmente no Recôncavo baiano, na cidade de Cachoeira, rica em

⁷ Valmir Pereira é também responsável pela manutenção e funcionamento da sede da Irmandade.

cultura e história e ressalta seu espírito de africanidade, com sua culinária, candomblé e suas tradições.

Diante do questionamento sobre a atuação dos órgãos públicos e o desenvolvimento desta manifestação, o administrador afirma que financeiramente, as dificuldades foram minimizadas, por contar com o convênio anual firmado com o governo do Estado desde o ano 2001, onde obtém a ajuda do órgão municipal com a quitação das contas (água, luz) e a doação de aparelhos eletrônicos, e no ano de 1995 puderam contar com a ajuda de negros afros americanos para aquisição da casa.

Segundo Pereira (informação verbal) a irmandade por ser um grupo de mulheres negras, ex-escravas, não deixa de ser um produto turístico, trazendo benefícios para a festa, para a cidade e para o estado da Bahia. A participação dos turistas na festa gera uma demanda significativa, e atrai adeptos da cultura afro da Bahia. Estes se aproximam com foco nos estudos, em busca da pesquisa, sobretudo para entender como as irmãs sobreviveram todo esse tempo, por serem mulheres, negras e ex-escravas de duplo pertencimento, católicas e do candomblé. Enfim, faltam muitas coisas para serem realizadas.

Referente à participação da irmandade nestas duas religiões, o antropólogo Wilson Caetano (2001, apud CASTRO 2006, p.56) afirma:

Ou os africanos anteciparam o que é explicado por alguns autores como uma característica do chamado mundo moderno, que invade aos poucos as religiões, ou os modelos religiosos tornaram-se inautênticos. Verdade é que a dupla pertença surge sempre para desmascarar e ameaçar os modelos religiosos universais e totalizantes.

Como influências positivas quanto à atuação do turismo, a cidade deve possuir um bom receptivo, infra-estrutura, restaurantes, meios de hospedagens entre outros, atendendo a estes visitantes com qualidade para que se tenham uma boa impressão, independentes de ser turistas ou não.

Pereira (informação verbal) cita que com o reconhecimento da cidade como patrimônio imaterial da Bahia, a relação entre a irmandade e seu próprio povo mudou significativamente, viabilizando assim ações de políticas públicas. Aponta como sugestões para a festa, que a cidade esteja pronta para receber seus visitantes, mantendo a relação harmônica entre a irmandade e comunidade.

Dando prosseguimento ao entendimento sobre a continuidade deste segmento turístico na cidade de Cachoeira, ocorreu uma entrevista com o Sr. Antônio Moraes Ribeiro (informação verbal)⁸, cachoeirano, ex Secretário Municipal de Cultura e Turismo de Cachoeira e funcionário da Bahiatursa desde o ano de 1975.

Segundo Castro (2006), este cachoeirano teve papel de destaque no desenvolvimento do turismo étnico, publicou artigos referentes à Irmandade da Boa Morte, traduzidos e publicados na revista Brasil, especializada em museus, galeria de arte e mercado negro. Interlocutor da irmandade, como profissional acompanhou boa parte das ações da Bahiatursa direcionadas para a Boa Morte.

Moraes (informação verbal) considera a Boa Morte como vitrine do Turismo étnico, fonte inspiradora da Bahiatursa para o surgimento deste segmento, atrativo e produto gerador de emprego e renda.

A tradição da Boa Morte nunca foi tão bem tratada como no governo atual, que no ano de 2010 contribuiu financeiramente com R\$ 82.000,00 para realização dessa festa, e no ano anterior com R\$ 75.000,00. Estes valores são repassados para irmandade a partir do momento que a instituição envia o projeto discriminando quais serão os gastos.

Segundo Moraes (informação verbal), o órgão de turismo do Estado da Bahia tem o papel de divulgar, apoiar e fomentar a festa. Neste ano de 2011, o governo dará suporte com cursos de qualificação, preparação, capacitação e estatística em postos de informações para a copa do mundo.

Em relação às dificuldades do turismo cachoeirano, este pontuou que Cachoeira é uma cidade rica em acervos arquitetônicos, mas muito destes se mantêm fechados, devido à falta de segurança, muitas igrejas compostas por objetos valiosos, não funcionam normalmente. Afirma que a cidade não dispõe de efetivo policial necessário para atender as necessidades da comunidade. A prefeitura deverá mobilizar-se e apresentar para a Secretaria de Segurança Pública documentos comprobatórios sobre a necessidade de maior número de policiamento, não só no período de festa, mas durante todo o ano.

⁸ Notícia fornecida pelo funcionário da Bahiatursa Antônio Moraes Ribeiro no centro de Convenções da Bahia em jan. 2011. Também conhecido como Moraes, é relevante interlocutor da Irmandade da Boa Morte perante o governo do Estado, via Bahiatursa.

Para Moraes (informação verbal) ⁹, a atuação da prefeitura deixa a desejar no quesito realização da Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, como por exemplo, a receptividade aos turistas, o desrespeito as tradições, o trânsito caótico, a falta de iluminação, infra-estrutura básica para atender a demanda, são algumas das ações de preparação para este acontecimento, e este órgão municipal deveria priorizar o desenvolvimento do turismo.

A realização da festa da Boa Morte atrai visitantes neste período do ano, devido às férias da Europa, que acontecem entre agosto e setembro, ocasionando a procura pela Bahia, principalmente no Recôncavo baiano. Quem vem em busca das raízes culturais, ancestralidade, história e resistência, participa da Festa da Boa Morte e visita os terreiros de candomblé. Em detrimento disso, participa das celebrações que ocorrem em Salvador como Caminhada Azoany, São Lázaro e São Bartolomeu, e que poderiam ter ligação com a tradição da Irmandade da Boa Morte.

Quanto ao reconhecimento como Patrimônio Imaterial da Bahia, Moraes (informação verbal) acredita que isto acontecerá com a construção do Memorial da Irmandade, e no momento estão sendo feitas medições do espaço e cadastro do imóvel.

Em 12 de agosto de 2006 foi publicada no jornal A Tarde a matéria intitulada “Em busca de um memorial”, e contou com a participação do fotógrafo Adenor Gondim, que há quase 20 anos mantém uma grande afinidade com a festa. Este afirma que “a construção do memorial contribuirá para preservar esta manifestação de grande relevância”.

Quanto à interação órgão público/iniciativa privada, irmandade e comunidade, no âmbito da festa pode-se constatar que a comunidade de Cachoeira compõe-se de famílias tradicionais que não se interessam pela Festa da Boa Morte e devido às questões religiosas o sincretismo religioso gerou um efeito contrário: reflexo da constituição da sociedade, ao invés de unir as pessoas, acabou afastando-as. Válido ressaltar que o aumento do número de igrejas evangélicas interfere nesta avaliação. Somente os comerciantes participam da festa com suas barracas, bares e restaurantes, e preocupam-se em aumentar seu efetivo para atender a esta demanda.

⁹ O órgão municipal é o responsável pela realização da festa, organização, serviços de apoio, hospedagens, infra- estrutura, segurança entre outros.

Em relação às sugestões que foram dadas na Carta do turismo étnico afro criada após a realização do I Seminário do Turismo Étnico Afro da Bahia, ocorrido entre os dias 11 e 13 de agosto de 2010 no centro de Convenções do Estado da Bahia, Moraes (informação verbal, 2011) afirmou que estas serão apresentadas para o atual secretário de Turismo e diretor do Órgão Estadual do Turismo do Estado da Bahia – Bahiatursa, para que sejam postas em prática. Itens como a divulgação nos eventos, com maior visibilidade para este segmento do turismo, implantação da assessoria nos países, continuidade e aumento dos vôos internacionais diários diretos em parceria com a empresa de aviação América Airline, entre outras, resultando na contribuição e fortalecimento do turismo étnico afro.

Durante o acontecimento da festa de Nossa Senhora da Boa Morte em agosto de 2010, foram também aplicados questionários direcionados para os afros descendentes, com o intuito de compreender como o turismo étnico se insere nesta festividade. Estes dados foram coletados no dia 15 de agosto de 2010. A maioria dos visitantes/turistas era de homens, com 60%, em contraposição as mulheres com 40%.

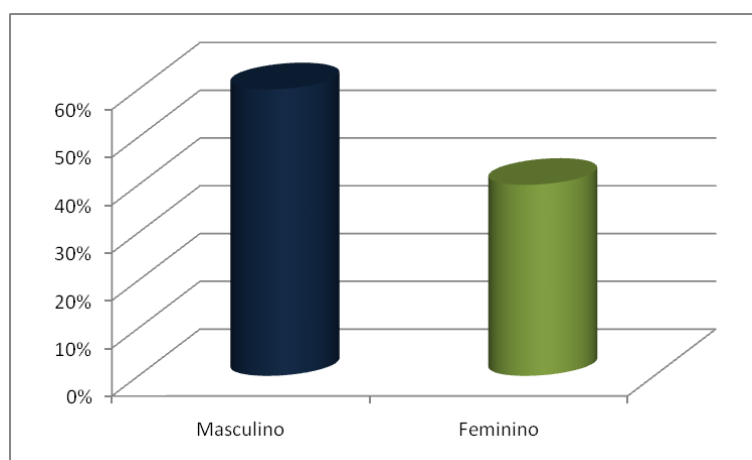


Gráfico 9 – Gênero dos visitantes/turistas.
Fonte: Oliveira, 2011.

Na coleta dos dados, pode – se perceber que 50% desses visitantes/turistas no ano de 2010, foram de jovens na faixa etária entre 18 a 29 anos, seguido de 50% de adultos com idades entre 30 a 49 anos e 0% para a faixa etária acima de 50 anos.

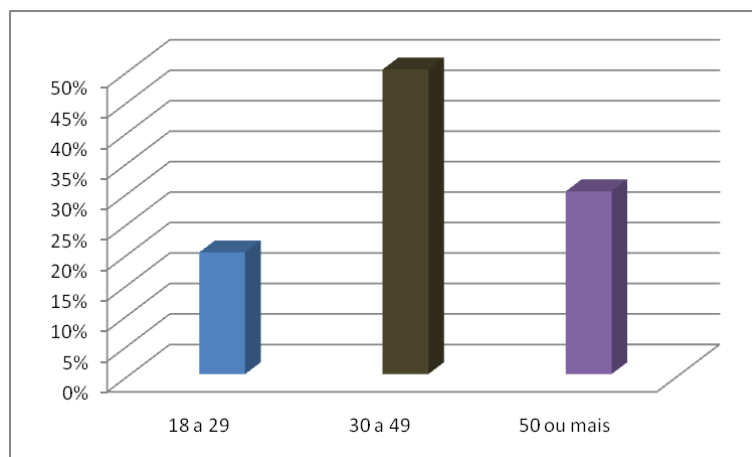


Gráfico 10 – Faixa etária dos turistas/visitantes.
Fonte: Oliveira, 2011.

Com base nestes dados nota-se que a Festa da Irmandade da Boa Morte não tem se mostrado tão atraente para os mais idosos.

Quanto ao meio de transporte utilizado no deslocamento da cidade de origem para Cachoeira, 50% revelaram ter utilizado ônibus (agência de turismo/rodoviária), 30% utilizaram automóveis e 20% de outras modalidades de transporte (bicicleta, cavalo, barco etc.).

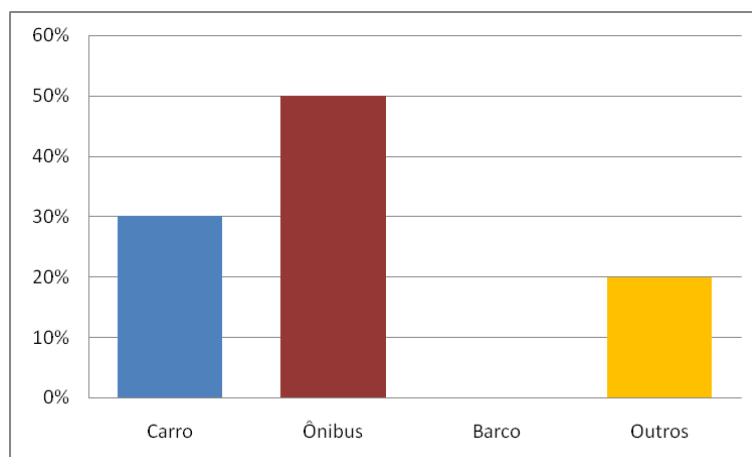


Gráfico 11 – Meio de transporte utilizado pelos turistas/visitantes.
Fonte: Oliveira, 2011.

Quanto ao benefício ocasionado pelo turismo na cidade, pode-se notar através dos dados coletados que a conservação do patrimônio e cultura predominou com 45%, seguido de 25% para o desenvolvimento na cidade, 18% na geração de empregos e 12% admitem que nenhum destes itens corresponda ao favorecimento da atividade turística.

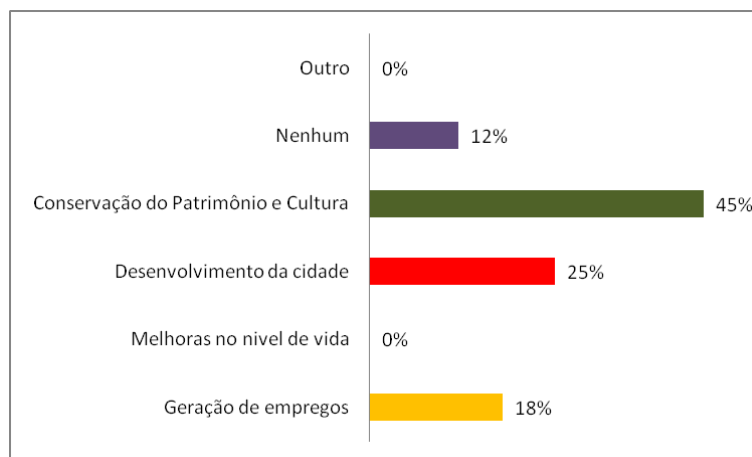


Gráfico 12 – Benefícios do turismo
Fonte: Oliveira, 2011.

Foi possível observar, nos dados o que a irmandade significa para estes visitantes/turistas: 50% afirmaram como símbolo de resistência, 30% de culto afro, 22% resgate as tradições.

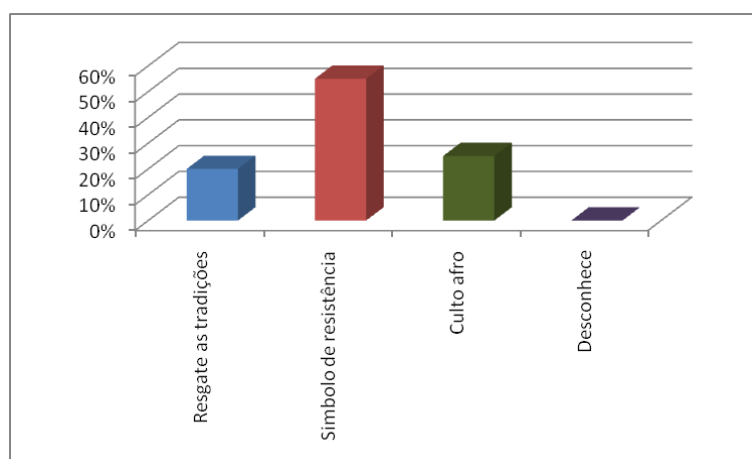


Gráfico 13 – Significância do turismo étnico para os turistas/visitantes.
Fonte: Oliveira, 2011.

Quanto ao item atratividade, pode-se proferir que 43% dos visitantes/turistas vão em busca desta celebração devido a cultura, 25% pela tradição, 20% pela religiosidade, 8% pela história e 5% pelos festejos/culinária.

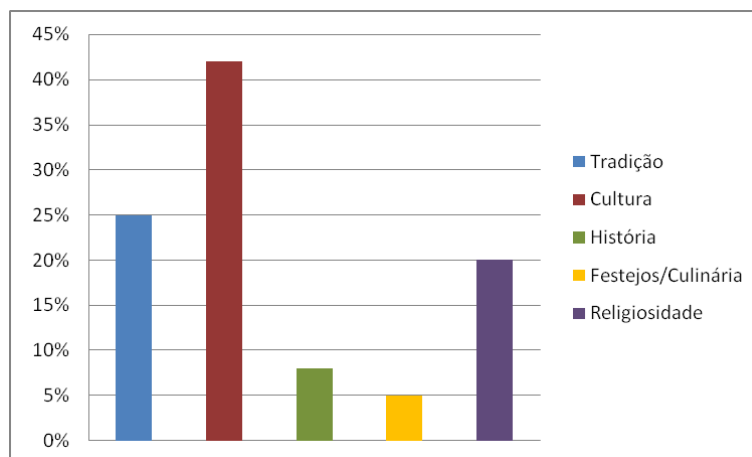


Gráfico 14 – Atratividade da festa.
Fonte: Oliveira, 2011.

Este item permite apresentar como os visitantes/turistas consideram a festa da Boa Morte:, 35% avaliam como importante e autêntica, e 20% como tradicional e 10% interessante.

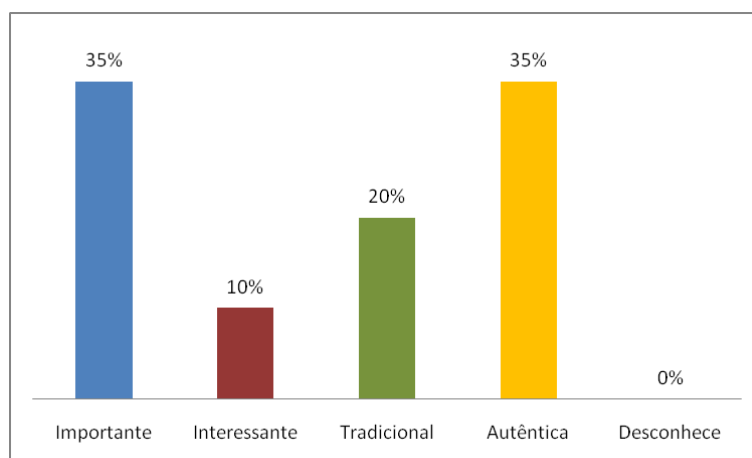


Gráfico 15 – Caracterização da festa.
Fonte: Oliveira, 2011.

Para Queiroz (2008) o turismo étnico tem sido percebido na perspectiva do que se busca, o nativo (“o diferente”, “o exótico”, “o outro”) seria o foco da viagem. Uma outra perspectiva tem sido ver o turismo étnico pelo que o turista vê durante a visitação.

Grunewald (2003, apud Queiroz, 2008 p. 156) define o turismo étnico como o movimento de construir uma etnicidade específica para exibição na arena turística, ou seja, no “espaço social onde ocorrem interações geradas pela atividade turística.

Os dados coletados, quanto a este segmento do turismo, apontam que 68% dos entrevistados vêem o turismo étnico como a identidade de um povo, 30% como a busca pelos valores culturais e 2% como tradições históricas.

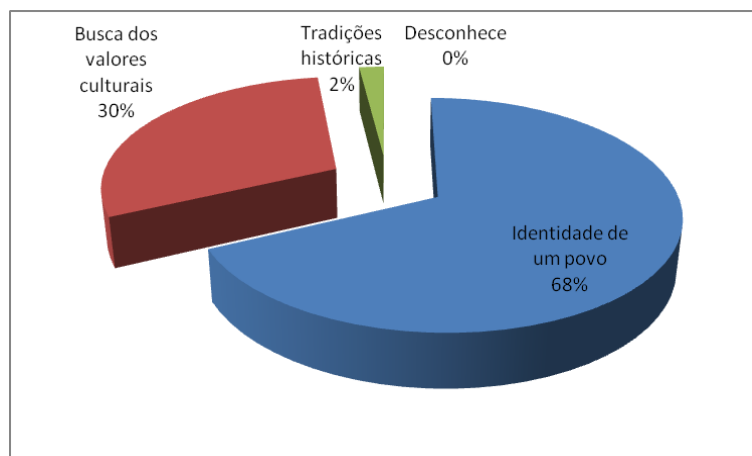


Gráfico 16 – Representação turismo étnico para os turistas/visitantes
 Fonte: Oliveira, 2011.

Quanto as mudanças ocorridas na realização da festa, 80% dos visitantes/turistas presentes na festa consideraram que houve mudança, em contrapartida 20% apontaram negativamente pela mudança.

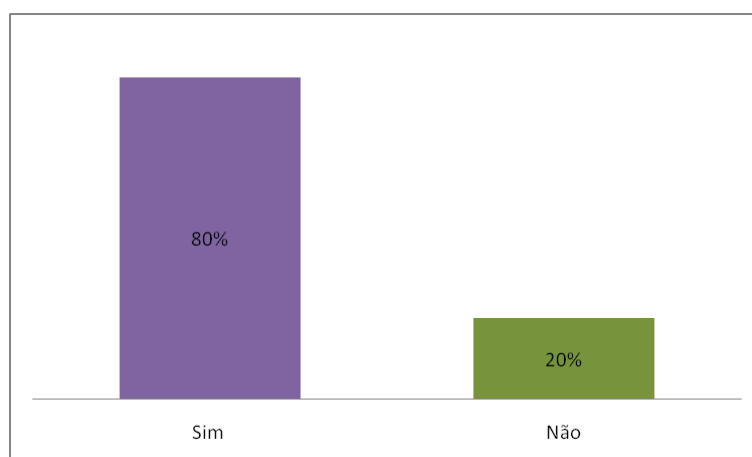


Gráfico 17 – Representação das mudanças ocorridas na festa
 Fonte: Oliveira, 2011.

Referindo-se aos principais motivos dessa mudança foram constatados 50% referente ao maior número de pessoas, 25% pela mídia massiva, 15% por outros fatores e 10% pelas manifestações culturais.

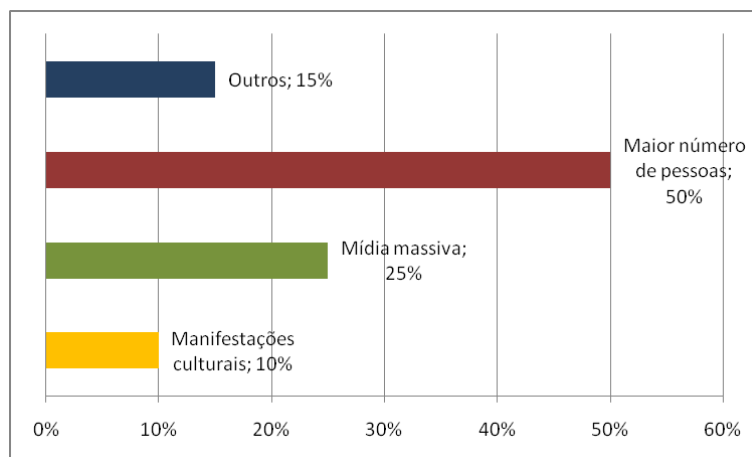


Gráfico 18 – Motivações de mudança na festa
 Fonte: Oliveira, 2011.

Indagados sobre os pontos negativos do turismo na festa de Nossa Senhora da Boa Morte, 32% dos visitantes/turistas declararam que a destruição do patrimônio caracteriza-se como principal fator negativo, seguido de 23% pela modificação dos costumes culturais, 17% com a criminalidade, 10% pelos itens dependência econômica e aumento dos preços e 6% pela prostituição.

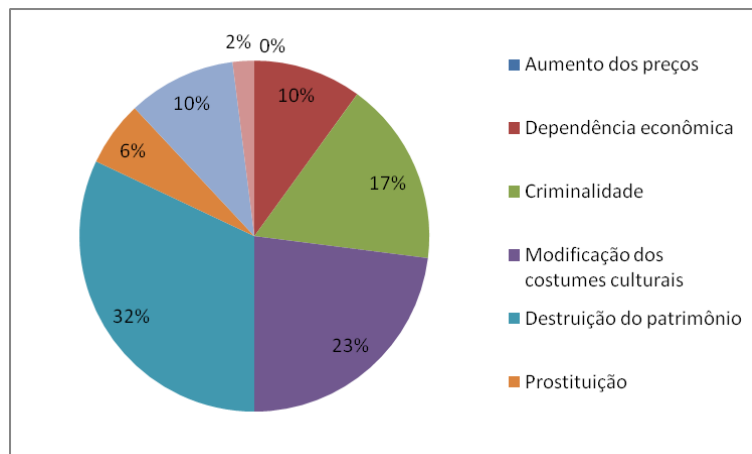


Gráfico 19 – Pontos negativos do turismo
 Fonte: Oliveira, 2011.

Segundo Castro (2006, p.167), a cidade de Cachoeira, internacionalmente conhecida – em especial à Festa da Boa Morte – é um item de singular importância da inscrição do produto Bahia na indústria turística global. Para tanto, na pesquisa de campo foram perguntados aos visitantes/turistas sobre o que faltava para a cidade atrair mais turistas e estes apontaram com 60% a infra-estrutura, seguido de 22% divulgação, 20% restaurantes, 12% melhorias na cidade e hotéis de qualidade, 10% apoio e incentivo e 5% opções de lazer.

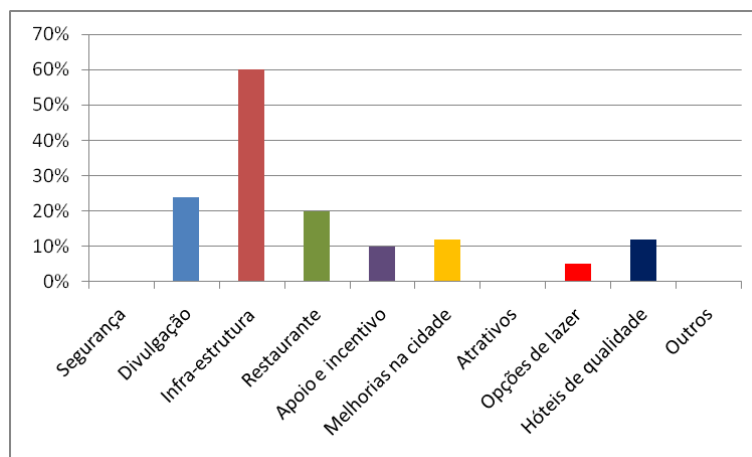


Gráfico 20 – Falta para atrair mais turistas
 Fonte: Oliveira, 2011.

Referente à atuação do governo em relação ao turismo na cidade de Cachoeira, segundo dados obtidos 18, 50% indicaram como regular 20% como péssimo, 12% como ótimo, 10% como bom e 8% desconhecem.

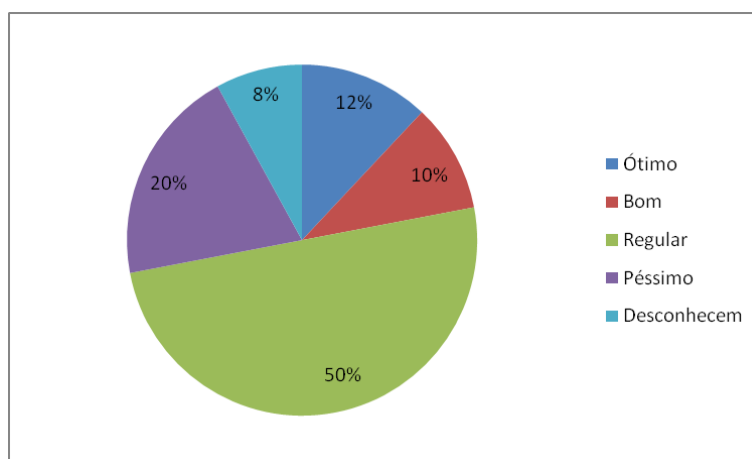


Gráfico 21 – Atuação do Poder Público Municipal
 Fonte: Oliveira, 2011.

A partir dos resultados das entrevistas e questionários aplicados na pesquisa de campo realizada na cidade de Cachoeira, Bahia durante a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, em 2010, foi possível sistematizar uma tipologia dos visitantes/turistas que buscam esta festividade, sobretudo, levando em consideração os fatores motivacionais do deslocamento. Para compreender este fenômeno, devem-se nortear as informações como elementos relevantes ao turismo étnico, fazendo um estudo sobre o direcionamento que a festa vem assumindo perante as exigências da indústria turística.

5 CONCLUSÃO

A festa de Nossa Senhora da Boa Morte é uma celebração característica da religiosidade popular com cultos católicos e manifestações de matriz africana. Uma das manifestações mais representativas do sincretismo religioso e instrumento de preservação da cultura e raízes afro-descendentes no Recôncavo Baiano.

Como produto turístico, a festa tornou-se o carro chefe no estado da Bahia no segmento do turismo étnico, atraindo turistas/visitantes de vários países interessados nas raízes culturais de descendência africana, proporcionando o resgate sócio histórico, e não apenas de observação ou contemplação. Esta festa contribui para fundamentar a proposta do turismo étnico em Cachoeira, partindo do pressuposto que esta manifestação apresenta um desenvolvimento turístico, econômico e social.

Foi possível perceber que a comunidade reconhece a importância desta celebração secular, principalmente na conservação do patrimônio e cultura da cidade e que este segmento do turismo proporciona o intercâmbio social e cultural, além de gerar empregos diretos e indiretos. .

Assim, a festa da Boa Morte com sua representatividade no turismo baiano têm seu papel a cumprir e divulgar para o mundo sua riqueza cultural, símbolo de luta e resistência, que a cada ano vem se solidificando. Aliada a isso, o reconhecimento como Patrimônio Imaterial da Bahia, enaltece suas características singulares, fortalece seus valores e contribui para o desenvolvimento turístico na localidade.

Esta pesquisa é relevante para o meio acadêmico, pois observam como esta tradição cultural está sendo valorizada e mantida em meio às transformações culturais e como o turismo étnico tem cooperado no desenvolvimento da localidade citada. Contribuirá também para futuros estudos relacionado ao ensino sobre a África e os africanos, contemplando a Lei 10639/2003 sancionada pelo ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva. Para fomentar discussões a partir desta lei, muitos estudantes, historiadores, sociólogos entre outros, têm procurado entender esta manifestação de cunho afro religioso brasileiro, com o objetivo de enriquecer e

fortalecer suas identidades, construir suas memórias, e compreender-se enquanto sujeito afro descendentes.

A atenção dada pelo órgão governamental possibilita que este assunto não se esgote, pois a festa de Nossa Senhora da Boa Morte tem atraído fluxos turísticos em busca do conhecimento, da tradição secular e da valorização desta confraria religiosa.

Conclui-se que esta manifestação de cunho étnico vem se fortalecendo, mantendo suas raízes, costumes e tradições no estado da Bahia, principalmente a cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano, ao longo desses anos como símbolo de resistência, representatividade cultural, respeito às tradições e ancestralidade. É preciso que se tenha um olhar sobre as principais deficiências da atividade turística na localidade, contribuindo através das políticas públicas, para que futuras gerações possam vivenciar do fruto da nossa etnia e raça, dando continuidade à esta celebração afro brasileira de tamanha importância.

REFERÊNCIAS

AFRO - americanos procuram suas origens na festa. A Tarde, Salvador, 22 ago. 1994.

BAHIA, Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. **Festa da Boa Morte**. Salvador: Fundação Pedro Calmon; IPAC, 2010, p. 122 (Cadernos do IPAC, 2)

_____, _____. 1 fotografia, color. Foto apresentada no Caderno 2 do IPAC.

_____, Secretaria de Turismo. Superintendência de Serviços Turísticos – SUSET. **Turismo Étnico – Afro na Fundação Pedro Calmon**, 2009, 152 p.

BARRETO, R. **Turismo Bahia**, Salvador, mar. 2010. Boletim Informativo da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia e da Bahiatursa. Nossos serviços. 1 fotografia, color. Foto apresentada no Caderno de Turismo da Bahia.

BRASIL, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IPAC disponibiliza livros para download. Disponível em:
<<http://www.ipac.ba.gov.br/site/conteudo/noticias/noticiaDetalhes.php?codNoticia=1138>> acesso em: 05 jan. 2011

_____, **Patrimônio Imaterial da Bahia**. Disponível em:
IPHAN, <http://www3.iphan.gov.br/bibliotecavirtual/?page_id=281> acesso em: 20 dez. 2010.

CASTRO, Armando Alexandre Costa de. **Irmãos de fé**: tradição e turismo no Recôncavo Baiano. Rio de Janeiro: E-Papers, 2006, 181 p.

CORRÊA, A. M. **Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira**: de cultura alternativa à inserção global. Rio de Janeiro, 2004. 323 p. Tese (doutorado em geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2004.

_____, A. M. **Território da festa**. 2004. 1 fotografia, p&b. 10 cm x 15,8 cm.

FERREIRA, Luzia Gomes. “**O samba de roda nas festividades de Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira – Bahia**”. I ENECULT (pesquisa científica, disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/LuziaGomesFerreira.pdf>) 2005>. acesso em: 03 dez. 2010.

GONDIM, A. **A Tarde**, Salvador, 12 ago. 2006. Caderno 2, Cultura. p.5. 1 fotografia, color. Foto apresentada na mostra Itaylê Ogun na Galeria Solar Ferrão.

IRMANDADE de Nossa Senhora da Boa Morte. Fotografia de Xando Pereira. Salvador: revista Viver Bahia, 2007. 1 fotografia, color.

MARQUES, Francisca “**Festa da Boa Morte: Identidade, Sincretismo e Música na religiosidade brasileira**”. Ciudad virtual de Antropologia y Arqueologia.(trabalho etnomusicológico, disponível em <http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/francisca_marques.htm)2002> acesso em: 15 jan. 2011.

MORAES, A. Entrevista concedida a Mara Passos. Salvador, 20 jan. 2011.

MOTA, Lilian Daianne Bezerra. **Festa da Boa Morte**. Ed.1º Salvador, Ba: Recanto das Letras, 2007. Disponível em: < <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/489737>> acesso em: 01 fev. 2011.

NASCIMENTO, L. Entrevista concedida a Mara Passos. Cachoeira, 10 dez. 2010.

_____, Luiz Cláudio Dias do. **Candomblé e Irmandade da Boa Morte**. Cachoeira (BA): Fundação Maria América da Cruz, 1999. 32 p.

NEGRA BAHIA Roteiro e circuitos étnicos-afros. Salvador: BAHIA TURISMO. 2 slips, color, 11,99 cm x 5,42 cm.

NETTO, Alexandre Panosso e ANSARAH, Marília Gomes dos. Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. In: BAHL, M. **Dimensão cultural do Turismo étnico**. Barueri, SP: Manole, 2009, p.121 - 140.

PEREIRA, R. **Boa Morte de hoje**. 2009. 1 fotografia, color., 9, 98 cm x 14, 98 cm.

PEREIRA, V. Entrevista concedida a Mara Passos. Cachoeira, 10 dez. 2010.

PIRES, R. Em busca de um memorial. *A Tarde*, Salvador, 12 ago. 2006.

QUEIROZ, Mércia Maria Aquino de. **Turismo de Raízes Africanas na Bahia**: a emergência de um segmento turístico especial dirigido ao mercado afro-americano do EUA. V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT. 27 a 29 de maio de 2009. Faculdade de Comunicação /UFBA, Salvador - Bahia – Brasil.

_____, Mércia Maria Aquino de. Turismo de raízes na Bahia. **Um estudo sobre a dinâmica do Turismo Étnico (Afro) na Bahia: os casos do Pelourinho/Salvador e da Festa da Boa Morte/Cachoeira**. Dissertação (mestrado). 230 p. Salvador: Biblioteca Central Reitor Macedo Costa, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Faculdade de Comunicação, 2008.

RAMOS, J. Salve(m) a Festa da Boa Morte. *A Tarde*, Salvador, 18 set. 2010.

ROSA, M.; Giuliano, G.; Ilse L.; **Festa, lazer e cultura**. Campinas, SP: Papyrus, 2002. Coleção Fazer/Lazer.

RUSSEL – WOOD, A. J.R. Escravos libertos no Brasil Colonial.In: _____, **Comportamento coletivo: as irmandades**. Brasília: Civilização Brasileira, 2005, P. 473.

SANSONE, Lívio. **Os objetos da identidade negra**: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. *Mana* [online]. 2000, vol.6, n.1, pp. 87-119. ISSN 0104-9313. doi: 10.1590/S0104-93132000000100004.

SANTANA, A. Faltou base. **Correio da Bahia**, 18 ago. 2003. Caderno 2, Folha cultura, p. 3.

SENAC. DN. Introdução a Turismo e Hotelaria / Luis Cláudio de A. Menescal. Campus; Maria Helena Barreto Gonçalves. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2006. P. 112. II

SILVA, R. E. e CARVALHO, K. C. **Turismo Étnico em comunidades quilombolas**: perspectivas para o etnodesenvolvimento em Filipa (Maranhão, Brasil). *Turismo & Sociedade*, Curitiba, 2010, v. 3, n. 2, p. 203 -219.

VERGER, F. Pierre. **A Tarde**, Salvador, 12 ago. 2006. Caderno 2, Cultura. p.5. 1 fotografia, p&b. Foto apresentada na exposição O Brasil de Pierre Verger.

VIANA FILHO, Luís. **O negro na Bahia**. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VIVAS, Fernando. **Festa da Boa Morte é oficializada como Patrimônio Imaterial da Bahia**. Salvador, BA: Jornal A tarde, 2010. Disponível em:<
<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=4710889>> acesso em: 01 fev. 2011.

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO A COMUNIDADE DA
CIDADE DE CACHOEIRA BAHIA**

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO A IRMANDADE DA BOA MORTE

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Qual é a sua faixa de idade?
() 18 a 29 anos () 30 a 49 anos () 50 ou mais anos
3. Tem filhos?
() Sim. Quantos? _____ () Não
4. Qual a sua participação na Irmandade?
() presidente/diretor
() Núcleo de organização
() secretário
() membro participante
() tesoureiro
() Outro. Qual? _____
5. Há quanto tempo você participa da Irmandade?
() menos de 1 ano
() de 1 a 3 anos
() de 3 a 5 anos
() mais de 5 anos
6. Qual seu grau de satisfação por participar da Irmandade?
() muito satisfeito
() satisfeito
() pouco satisfeito
() insatisfeito
() Não sabe/ não opinou
7. Geralmente, quando você se apresenta na Irmandade?
() Sempre que sou solicitado
() Às vezes quando convidado
() Raramente
() Não lembra / Não opinou
8. A Irmandade tem algum meio de comunicação onde as participantes podem dar sugestões e fazer reclamações?
() Sim () Não () Não Sabe/ Não opinou
Qual? _____
9. Quais são as formas que a Irmandade usa para passar informações?
() Mural ou quadro de avisos
() Reuniões com todos os participantes
() Mensagem de boca a boca
() Outro. Qual? _____
() Não sabe/ Não opinou
10. Conta com apoio de algum órgão público/privado?
() Sim. Qual? _____
() Não.
11. Como acontece a preparação para a Festa de N. Sra. da Boa Morte?
() Contribuição da comunidade/comerciantes
() Apoio dos governantes
() Não sabe/ Não opinou
() Outros. Qual? _____
12. Qual o momento da festa que mais te emociona?
() Celebração
() Reunião das irmãs
() Visitantes/turistas
() Procissão
() Repórteres/fotógrafos
() Não sabe/ Não opinou
13. Existe interação entre o órgão público, a Irmandade, a iniciativa privada e a comunidade para a realização desta festa?
() Sim. Qual _____
() Não
() Não sabe responder.
14. O que mudou com o reconhecimento da Festa da Boa Morte como Patrimônio Imaterial da Bahia?
() Atenção do governo
() Benefícios para investimentos
() Realização pessoal
() Possibilidade de atender a comunidade
15. Nas reuniões com as Irmãs da Boa Morte como você se sente para dizer o que pensa e dar opiniões?
() muito a vontade
() a vontade
() nada a vontade
() Não sabe/ não opinou
Se não, por quê? _____
16. Como o turismo cultural contribui para as tradições da Irmandade/Festa da Boa Morte?
() Conquista dos negros
() Valorização da etnia
() Resgate/memória/fortalecimento da cultura local
() Não sabe/ não opinou
17. Os afro descendentes e afros americanos contribuem na Festa da Boa Morte?
() Sim. Como? _____
() Não
18. O que a irmandade traz de benefício para sua vida?
() Realização pessoal
() Continuidade das tradições
() União entre mulheres
() Não sabe/ não opinou
() Outros _____
19. Quais são as suas sugestões para melhoria entre o grupo e o participante?

20. Qual a importância e benefício da Irmandade?

Obrigada pela sua participação!

APÊNDICE C - ENTREVISTA APLICADA AO HISTORIADOR LUIS CLÁUDIO NASCIMENTO NA CIDADE DE CACHOEIRA BA

1. Nome do entrevistado: _____
2. Idade: _____
3. Cargo: _____
4. Local e data de realização da entrevista: _____
5. Como o (a) senhor (a) percebe a vocação turística da cidade de Cachoeira?
6. Que elementos são, em sua opinião, importantes para caracterizar a cidade como um destino turístico?
7. Cachoeira é um destino turístico caracteristicamente cultural. Como o (a) senhor (a) conceituaria o turismo cultural? E o turismo étnico?
8. Quais as principais dificuldades do turismo cachoeirano?
9. Há quanto tempo conhece a Irmandade? Freqüenta a festa da Boa Morte?
10. Em sua opinião, que características têm o visitante de Cachoeira?
11. Apesar da riqueza cultural e potencial histórico da Irmandade, a realização festa da Boa Morte, isoladamente, representa um forte atrativo no mercado. A que o (a) senhor (a) atribui isso?
12. Há quanto tempo freqüenta a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte?
13. O que mudou com o reconhecimento da Festa da Boa Morte como Patrimônio Imaterial da Bahia?
14. Existe interação entre o órgão público, a Irmandade, a iniciativa privada e a comunidade para a realização desta festa? O que é preciso fazer para facilitar a participação da comunidade?
15. Existe a preocupação quanto ao desenvolvimento sustentável durante a Festa da Boa Morte na cidade de Cachoeira?
16. Atualmente, tem algum projeto relacionado à cultura, em especial para a Festa da Boa Morte?
17. A cidade de Cachoeira dispõe de infra estrutura (necessária) para atender a demanda de turistas que freqüentam a festa?
18. Como percebe a relação entre o Turismo Étnico (afro) e a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte?
19. O jornal A TARDE do dia 18/04/2010 publicou uma matéria falando da tentativa de carnavalizar a Festa da Boa Morte pelas pessoas que freqüentam e não entendem o significado cultural da festa e procuram apenas um lado profano(bebidas, batuques). O que o senhor acha disto?
20. Alguma outra contribuição na pesquisa?
21. Sugestões para a festa.

APÊNDICE D - ENTREVISTA APLICADA AO ADMINISTRADOR DA IRMANDADE DA BOA MORTE VALMIR PEREIRA

1. Nome do entrevistado: _____
2. Idade: _____
3. Cargo/ Função: _____
4. Local e data de realização da entrevista: _____
5. Como conheceu a Irmandade?
6. Qual o motivo que te fez fazer parte da Irmandade?
7. Qual a importância da Irmandade para Cachoeira?
8. Como é a relação entre as integrantes da Irmandade fora da festa da Boa Morte?
9. Como acontece a preparação para a Festa da Boa Morte?
10. Quais as principais dificuldades enfrentadas pela Irmandade? Recebe apoio da prefeitura? E qual tipo de apoio?
11. Qual a relação da Irmandade com a comunidade?
12. Qual a relação dos turistas com a Irmandade?
13. A Irmandade participa do processo de tomada de decisões dos investimentos e ações para o turismo?
14. A Irmandade conta com o apoio dos órgãos públicos (municipais ou governamentais) para desenvolver atividades?
15. Os órgãos governamentais divulgam, comercializam e interferem na festa? Essa participação traz benefícios para o desenvolvimento da festa?
16. Você acha que os turistas freqüentam a festa da Boa Morte por causa do seu significado e importância cultural (cultos de matriz africana)?
17. Existe alguma política pública de incentivo à cultura e ao Turismo?
18. O que mudou com o reconhecimento da Festa da Boa Morte como Patrimônio Imaterial da Bahia?
19. Quais as influências negativas e positivas que são geradas com o Turismo na cidade?
20. Sugestões para a festa.

APÊNDICE E - ENTREVISTA APLICADA AO FUNCIONÁRIO DA BAHIA TURSA SR. ANTONIO MORAES

1. Nome do entrevistado: _____
2. Idade: _____
3. Cargo: _____
4. Local e data de realização da entrevista: _____
5. Existe alguma política pública de incentivo à cultura e ao Turismo na cidade de Cachoeira?

6. Quais as principais dificuldades do turismo cachoeirense?

7. A Irmandade participa do processo de tomada de decisões dos investimentos e ações para o Turismo Étnico (Afro) de Cachoeira?

8. Qual sua visão sobre o Turismo Étnico (Afro) na Festa da Boa Morte?

9. Os órgãos governamentais divulgam, comercializam e interferem na festa? Essa participação traz benefícios para o desenvolvimento da festa?

10. Apesar da riqueza cultural e potencial histórico da Irmandade, a realização festa da Boa Morte, isoladamente, representa um forte atrativo no mercado. A que o (a) senhor (a) atribui isso?

11. Quais as estratégias utilizadas para divulgar nacionalmente e internacionalmente o acontecimento da festa da Boa Morte?

12. O que mudou com o reconhecimento da Festa da Boa Morte como Patrimônio Imaterial da Bahia?

13. A Irmandade conta com o apoio dos órgãos públicos (municipais ou governamentais) para desenvolver atividades ou cursos para a comunidade?

14. Existe interação entre o órgão público, a iniciativa privada, a Irmandade e a comunidade para a realização desta festa? E quanto ao desenvolvimento sustentável durante a festa da Boa Morte na cidade de Cachoeira?

15. Em sua opinião, quais devem ser os investimentos e ações públicas e da comunidade, para que no decorrer dos próximos 10 (dez) anos, possamos ter uma cidade melhor Preparada para receber os turistas na Festa da Boa Morte?

16. Como percebe a relação entre o Turismo Étnico (afro) e a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte?

17. Alguma outra contribuição na pesquisa?

18. Sugestões para a festa.

APÊNDICE F – FOTOS



Foto 1 – Imagem de Nossa Senhora
Fonte: Oliveira, 2008.



Foto 2 – Escultura.
Fonte: Oliveira, 2008.

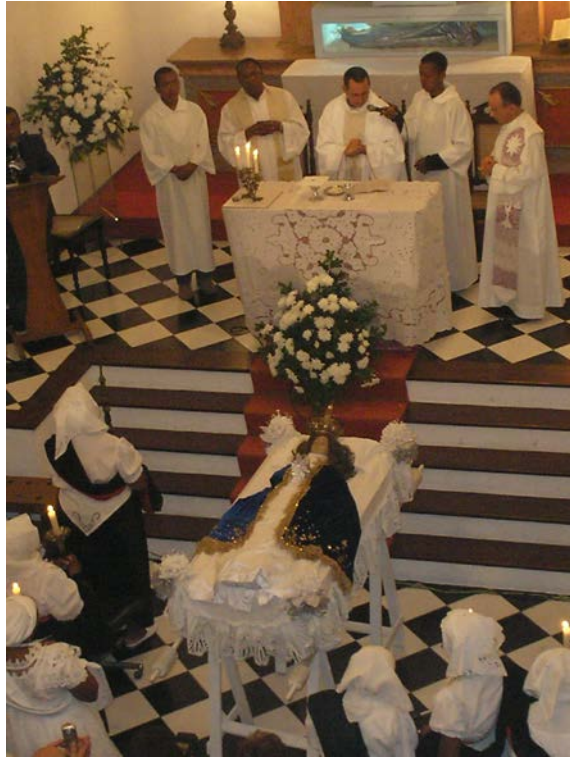


Foto 3 – Missa de corpo presente
Fonte: Oliveira, 2008.



Foto 4 – Celebração a Nossa Senhora
Fonte: Oliveira, 2008.



Foto 5 – Procissão com a orquestra
Fonte: Oliveira, 2008.



Foto 6 – Irmãs na Procissão
Fonte: Oliveira, 2008.



Foto 7 – Casa Estrela
Fonte: Oliveira, 2008.



Foto 8 – Comissão de festa
Fonte: Oliveira, 2008.



Foto 9 – Irmandade da Boa Morte
Fonte: Oliveira, 2008.



Foto 10 – Preparação das comidas
Fonte: Oliveira, 2008.



Foto 11 – Grupo Filhos de Nagô
Fonte: Oliveira, 2008.



Foto 12 – Samba na sede da Irmandade Boa Morte
Fonte: Oliveira, 2008.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I
COLEGIADO DO CURSO DE TURISMO E HOTELARIA

CARTA DE HOMOLOGAÇÃO PARA A BANCA (APÊNDICE G)
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
TURISMO E HOTELARIA – TUR 059

Salvador, 28 de fevereiro de 2011.

Eu, **Valdilene Assis**, venho informar a Coordenação de TCC do curso de Turismo e Hotelaria, que o trabalho cujo título, **Festa da Boa Morte e sua relação com o Turismo étnico na Bahia**, elaborada pela discente **Mara Ilza Passos de Oliveira** está homologado para apresentação na banca.

Assinatura da orientadora

ANEXOS

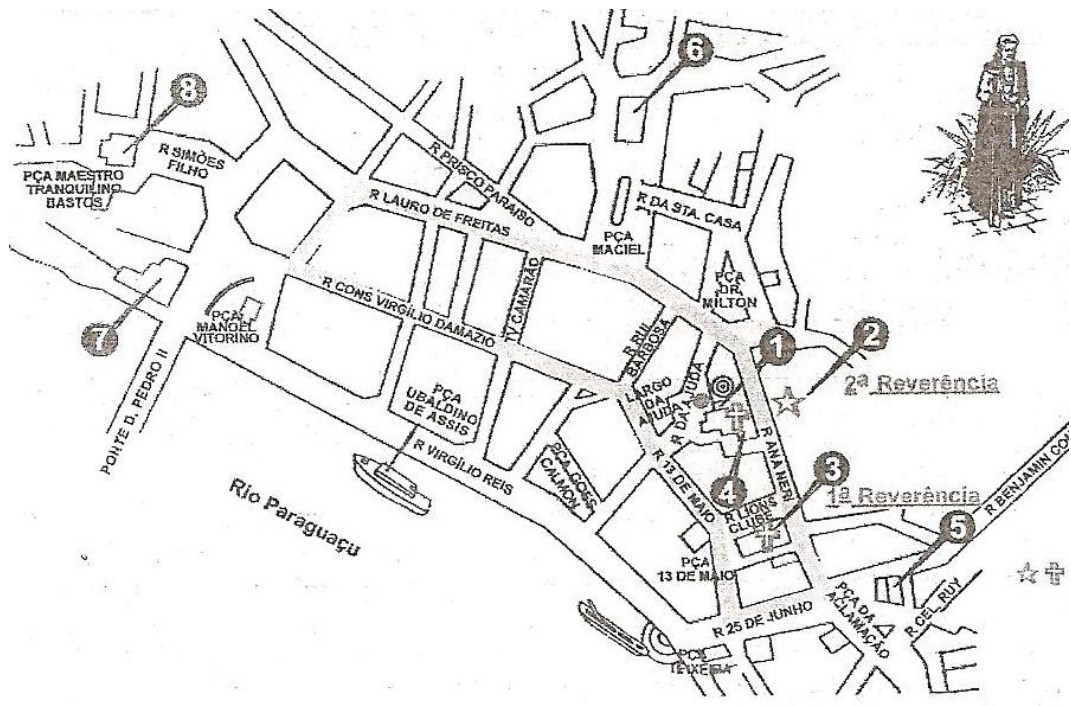


Foto 1: Território da festa
 Fonte: CORRÊA, 2004

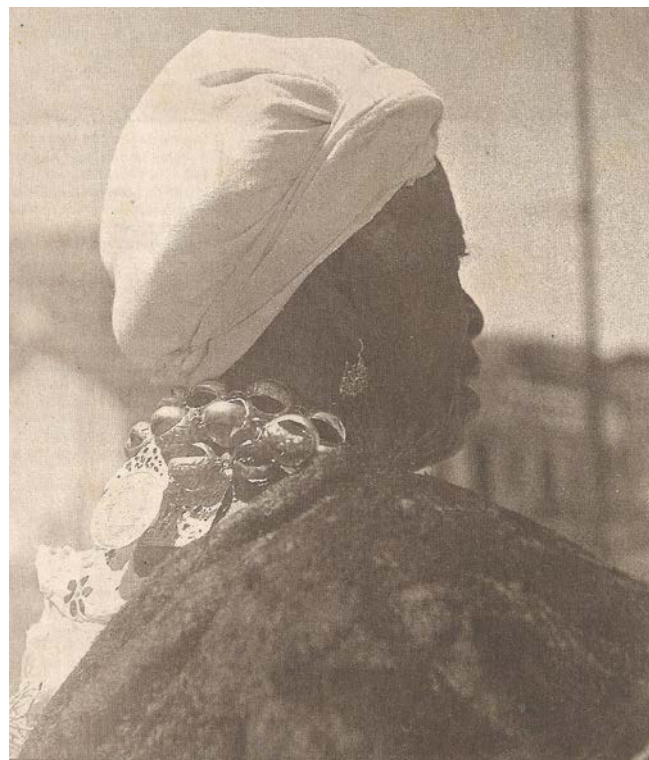


Foto 2 – Irmã da Boa Morte
 Fonte: Verger, 2006.



Foto 3: D.Nini
Fonte: Gondim, 2006.

viver
Bahia!

Cachoeira em agosto tem uma festa secular
Irmandade da Boa Morte celebra a vida
*In August, there is a secular celebration at Cachoeira
The Sorority of "Boa Morte" celebrates life*

Gilberto Gil exclusivo
A Bahia é antes de tudo generosa
*Gilberto Gil exclusive
Above all, Bahia is generous*

Rally dos Sertões no Farol da Barra
"Rally dos Sertões" arrives in the Barra Lighthouse

Sete dias de turismo em Salvador
Seven days of tourism at Salvador

Ecoturismo: o Pantanal da Chapada
Ecotourism: the Chapada's "Pantanal"

Foto 4 – Irmandade da Boa Morte
Fonte: Viver Bahia, 2007.



Foto 5: A irmandade dos dias atuais
Fonte: Sucursal, 2009



Foto 6: D. Filhinha
Fonte: IPAC, 2010

Bahia! TURISMO




NEGRA BAHIA ROTEIROS E CIRCUITOS ÉTNICO-AFROS

Considerando a grande diversidade de atrativos turísticos no segmento étnico-afro, em Salvador, concentrados em áreas geográficas amplas e distintas, a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (Setur) propõe a formação de três circuitos turísticos para que o visitante interessado possa aproveitar melhor, e de forma racional, todo potencial cultural contido nesse segmento temático. Além de Salvador, a Setur propõe também a criação de circuitos temáticos nas zonas turísticas da Chapada Diamantina e na Costa do Dendê, além da região do Recôncavo Baiano, onde se encontram os municípios de Cachoeira, Santo Amaro, São Félix, Maragóipe e Nazaré, que receberam fortemente a influência de matriz africana na sua formação.

Na Bahia, a formação de outros circuitos temáticos nas zonas turísticas da Chapada Diamantina e do Vale do Jiquiriçá já mobiliza prefeituras e o trade turístico na formação de roteiros e na venda de pacotes temáticos. Em Salvador, a criação de circuitos atende também à reivindicação das entidades representativas desse segmento da população, que veem no turismo étnico-afro uma forma de estender à população afrodescendente os benefícios econômicos gerados pelo turismo.

CIRCUITOS DO RECÔNCAVO

Os municípios que compõem a região do Recôncavo sofreram grande influência da cultura africana, principalmente dos negros de origem bantu, recrutados para trabalhar nos engenhos de cana-de-açúcar. A região é potencialmente turística, mas se apresenta particularmente atrativa para o turismo étnico-afro.

CIRCUITO RELIGIOSO

Nesse circuito, a grande vedete é a Irmandade da Boa Morte, de Cachoeira. As festas religiosas realizadas pela Irmandade, as vestimentas especiais e os rituais do culto já são objeto do interesse do turista desse segmento. Aliado à diversidade de terreiros de candomblé encontrados em toda a região, esse atrativo por si só já possibilita o aumento do fluxo turístico e do período de permanência do turista na região.

CIRCUITO QUILOMBOLA

As comunidades remanescentes de quilombos ainda se mantêm em toda a região do Recôncavo, a exemplo de Dandê, Engenho da Ponte, Calumbá, São Tiago do Iguape e Caonga. A vida dos escravos nesses municípios pode ser conhecida nos antigos engenhos, muitos deles ainda bem preservados. No Museu Wanderley de Pinho (Museu do Recôncavo), abrigado em um antigo engenho de cana-de-açúcar, estão expostos alguns elementos da cultura escravagista do período colonial, inclusive ferramentas que eram usadas como instrumentos de tortura nos escravos. As festas, a música, as danças e a culinária do Recôncavo refletem aspectos culturais bem diferentes daqueles encontrados em Salvador.

Foto 7: Folder Roteiros e circuitos étnico-afro
Fonte: Bahia Turismo, 2010.

TURISMO Bahia Março/2010 Boletim Informativo da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia e da Bahiatursa

Turismo Étnico-afro ganha força

Os norte-americanos são os estrangeiros que mais visitam a Bahia. A informação é da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – Fipe. De acordo com a instituição, a Bahia recebeu mais de 50 mil visitantes da terra do Tio Sam em 2008, ano em que foi produzido o levantamento.

Os principais pontos de interesse dos americanos são a cidade de Salvador e as manifestações culturais da capital e do Recôncavo.

Somente com relação aos desembarques dos Estados Unidos para a Bahia, o número saltou de uma média de 2,6 mil até 2007 para 15 mil em 2008, o que representa uma alta de 333%.

O voo Salvador-Miami, operado pela American Airlines, tem uma ocupação de 75%, e, dos passageiros, mais da metade são americanos, segundo informações da própria companhia.



3º SALTO: EIXO ESTRATÉGICO DA INOVAÇÃO

! Festa da Boa Morte, em Cachoeira, é uma das manifestações populares mais procuradas por turistas afro-americanos

Foto 8 – Turismo Étnico-afro
Fonte: Secretaria de Turismo; Bahiatursa; 2010.

